



Universidade de Brasília  
Faculdade da Ciência da Informação  
Curso de Museologia

**JOSHUA FERREIRA DA SILVA**

**EXPOSIÇÃO VIRTUAL [DES]MUNDO DA UNIVERSIDADE DE  
BRASÍLIA**

Descrição e análise dos processos museológicos

Brasília – DF

2024

Joshua Ferreira da Silva

**EXPOSIÇÃO VIRTUAL [DES]MUNDO DA UNIVERSIDADE DE  
BRASÍLIA**

Descrição e análise dos processos museológicos

Monografia apresentada ao Curso de Museologia da Faculdade da Ciência da Informação como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Professor Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andréa  
Fernandes Considera

Brasília – DF

2024

CIP - Catalogação na  
Publicação

F383e Silva, Joshua Ferreira da.  
Exposição Virtual [Des]mundo da Universidade de Brasília:  
Descrição e análise dos processos museológicos / Joshua  
Ferreira da Silva; orientador Andréa Fernandes Considera.  
-- Brasília, 2024.  
95 p.

Monografia (Graduação - Museologia) -- Universidade de  
Brasília, 2024.

1. Processo Museológico. 2. Musealização. 3. Virtual. 4.  
Museologia. I. Fernandes Considera, Andréa, orient. II.  
Título.

**JOSHUA FERREIRA DA SILVA**

**EXPOSIÇÃO VIRTUAL [DES]MUNDO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Descrição e análise dos processos museológicos

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Aprovado por:

**Andréa Fernandes  
Considera**

Professora de Magistério  
da Universidade de  
Brasília

Doutora em História pela  
Universidade de Brasília  
(UnB)

**Ana Lucia de Abreu  
Gomes**

Professora de Magistério  
Superior da Universidade  
de Brasília

Doutora em História  
Cultural pela  
Universidade de Brasília  
(UnB)

**Monique Batista Magaldi**

Professora de Magistério  
Superior da Universidade  
Federal do Estado do Rio de  
Janeiro

Doutora em Ciências da  
Informação pela Universidade  
de Brasília (UnB)



Documento assinado eletronicamente por **Andréa Fernandes Considera, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 14/08/2024, às 15:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Lucia de Abreu Gomes, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 14/08/2024, às 15:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Monique B. Magaldi, Usuário Externo**, em 14/08/2024, às 15:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Silmara Kuster de Paula Carvalho, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 14/08/2024, às 15:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.unb.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **11570597** e o código CRC **0D513C5F**.

Referência: Processo nº 23106.071796/2024-88

SEI nº 11570597

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Gleba A, , Brasília/DF, CEP 70910-900  
Telefone: e Fax: @fax\_unidade@ - <http://www.unb.br>

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente ao Criador dos céus e da terra, o nosso Senhor Jesus Cristo, pois a Ele toda honra e glória. Agradeço por Ele dar-me a família que tenho, os quais me auxiliaram desde o início de minha caminhada, de minha vida e na academia, até o presente momento. Agradeço, ainda, a Ele por me capacitar dando instrumentos específicos para completar este trabalho. Agradeço, também, por Ele me conceder a graça de ser orientado neste trabalho pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrea Considera, a qual eu sou extremamente grato por sua orientação, conselhos e paciência.

## RESUMO

O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) tem se tornado uma necessidade em nossa sociedade, especialmente nos últimos anos. Esta necessidade se acentuou ainda mais com o surgimento do SARS-CoV-2 em 2019, o qual gerou uma crise sanitária que se alastrou globalmente. Foi em meio a este contexto de pandemia que o projeto da Exposição Virtual [Des]mundo nasceu, onde as experiências de ambientes digitais são aplicadas. Assim, a pesquisa tenta investigar a implementação do processo museológico em ambientes virtuais/digitais como a Exposição Virtual [Des]mundo, sendo ele o nosso estudo de caso. Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa é analisar os processos museológicos da Exposição Virtual [Des]mundo realizada pela Universidade de Brasília, em 2021. Sendo os objetivos específicos: a - contextualizar a Exposição Virtual [Des]mundo e; b - identificar os processos museológicos dessa Exposição da Universidade de Brasília (2021). A metodologia que adotamos para alcançarmos o objetivo desta pesquisa foi a aplicação do método qualitativo por meio do levantamento bibliográfico acerca do tema processo museológico e a escolha dos autores como base para a análise do processo museológico do estudo de caso da construção da Exposição Virtual [Des]mundo, exposição esta criada em ambiente virtual. Foram elaborados também, ainda sobre os instrumentos utilizados em nossa metodologia, questionários com fins de trazer maiores esclarecimentos acerca do trabalho desenvolvido pelo grupo responsável pela exposição. Assim, a pesquisa avaliou a manifestação de um dos aspectos da teoria museológica, o processo museológico, através das ações de preservação, pesquisa e comunicação na prática museal presente na Exposição Virtual [Des]mundo (2021).

Palavras-chave: Processo museológico; Musealização; Virtual; Museologia;

## **ABSTRACT**

The use of the Technology of Information and Communication has become a necessity in our society, specially in these last few years. That necessity has been even greater with the emergence of SARS-CoV-2 in 2019, which generated a sanitary crisis that has spread globally. In the midst of it and within a pandemic context the project of Virtual Exhibition [Des]mundo was born, where experiences in the digital environment are being applied. Thereby, this research tries to investigate the implementation of museological processes in virtual/digital environments such as the Virtual Exhibition [Des]mundo, as our case study. Thus, the main goal of this research is to analyze the museological processes of the Virtual Exhibition [Des]mundo performed by University of Brasilia, in 2021. Being our specific goal to: a - contextualize the Virtual Exhibition [Des]mundo and; b - identify the museological processes of the Exhibition of University of Brasilia (2021). The methodology adopted for the achievement of our goal in this research was the application of the qualitative method through the bibliographic survey about the theme of museological process and the choosing of the authors as a base for the analysis of the museological process in our case study and in the construction of the Virtual Exhibition [Des]mundo, which was created in digital environment. Were elaborated also, about the utilization of tools in our methodology, questionnaires which aims to bring more clarity about the work developed by the group of those responsible for the exhibition. Thereby, the research has evaluated the manifestation of one aspect of the museological theory, the museological process, and through the actions of preservation, research and communication in museal practice present on the Virtual Exhibition [Des]mundo (2021).

Key-words: Museological Process; Musealization; Virtual; Museology;



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Imagem da coleção Assis Chateaubriand do MASP do Google Arts & Culture.....	28
Figura 2 - Página inicial da Exposição Virtual [Des]mundo e seus módulos. ....	39
Figura 3 - Vídeo de Zé de Rocha chamado Fôlego. ....	41
Figura 4 - Fotografia com readymades de Zé Marcelo chamado de Precipício. ....	42
Figura 5 - Obra “Respire” de Mariana Maia. ....	43
Figura 6 - Instalação de Paula Brito chamada de Tem Pássaro Voando. ....	44
Figura 7 - Relato sobre o enfermeiro Eduardo Nunes da Silva. ....	45
Figura 8 - Relato sobre o Sr. Ciro Ricardo Pires de Castro.....	47
Figura 9 - Poesia chamada de Desaprender de Fabiana Motta. ....	48
Figura 10 - Poesia de CnhorLua chamada de Sangue. ....	49
Figura 11 - Entrevista com a psicóloga Larissa Polejack. ....	50
Figura 12 - Vídeo de Paula Brito em Conversa com a artista. ....	51
Figura 13 - Animação de Frida Kahlo voltada para o público infantil.....	52
Figura 14 - Modelo adaptado de Desvallées e Mairesse (2013) das etapas da preservação. ...	56
Figura 15 - Modelo de Preservação de Manuelina Maria Duarte Cândido (2014). ....	58
Figura 16 - Os aspectos da pesquisa de Jean Davallon (1995).....	59
Figura 17 - Modelo adequado de pesquisa de Cândido (2019). ....	60
Figura 18 - Modelo adaptado da comunicação de Lasswell (1948). ....	62

## LISTA DE QUADROS

Quadro 2 - Áreas de trabalho e número de integrantes do projeto. ....	34
Quadro 3 - Os módulos e a quantidade dos objetos da Exposição Virtual [Des]mundo.....	39

Quadro 4 - Distribuição de Imagem/Vídeo nos módulos da exposição. ....	40
Quadro 5 - Distribuição dos objetos (obras) no módulo 1. ....	41
Quadro 6 - Distribuição das obras do 2º módulo.....	43
Quadro 7 - Distribuição dos relatos das 5 regiões do módulo Inumeráveis. ....	46
Quadro 8 - Distribuição das obras do módulo 4.....	48
Quadro 9 - Resumo dos processos de preservação de Desvallées e Mairesse no contexto da Exposição Virtual [Des]mundo .....	57
Quadro 10 - Resumo do processo de salvaguarda de Cândido sobre a Exposição Virtual [Des]mundo. ....	58
Quadro 11 - Resumo da Exposição Virtual [Des]mundo sob os aspectos de Jean Davallon (1995). ....	61
Quadro 12 - Resumo da Exposição Virtual [Des]mundo sob a visão de Maria Célia Santos..	61
Quadro 13 - Resumo da Exposição Virtual [Des]mundo sob a visão de Manuelina Cândido.	62
Quadro 14 - Resumo da Exposição Virtual [Des]mundo sob a perspectiva de Desvallées e Mairesse (2013). ....	63
Quadro 15 - Resumo da Exposição Virtual [Des]mundo sob a visão de Manuelina Maria Duarte Cândido (2019). ....	64

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Distribuição do nº de pessoas contatadas e não contatadas. ....	34
Gráfico 2 - Distribuição das respostas e não respostas ao questionário. ....	35

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CMC – Comunicação Mediada por Computadores

FCI – Faculdade da Ciência da Informação

Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICOM – Conselho Internacional de Museus

ICOFOM – Comitê Internacional de Museologia

MASP – Museu de Arte de São Paulo

MHN – Museu Histórico Nacional

MS – Ministério da Saúde

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

TI – Tecnologia da Informação

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

TMPC – Museu Temporário da Mudança Permanente

UnB – Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
OBJETIVOS .....	10
JUSTIFICATIVA .....	11
METODOLOGIA.....	12
<b>1 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>14</b>
1.1 ORIGENS.....	14
1.2 FORMULAÇÃO CONCEITUAL.....	19
1.3 DEFINIÇÕES COMPARADAS.....	23
1.4 EXPERIÊNCIAS VIRTUAIS, DIGITAIS E CIBERNÉTICAS.....	25
<b>2 EXPOSIÇÃO VIRTUAL [DES]MUNDO</b> .....	<b>32</b>
2.1 PRÉ-PROJETO DA EXPOSIÇÃO VIRTUAL [DES]MUNDO.....	32
2.2 A EXPOSIÇÃO VIRTUAL [DES]MUNDO.....	39
2.2.1 <b>Módulo 1 – Espelhos</b> .....	<b>40</b>
2.2.2 <b>Módulo 2 – Ressonâncias</b> .....	<b>43</b>
2.2.3 <b>Módulo 3 – Inumeráveis</b> .....	<b>45</b>
2.2.4 <b>Módulo 4 – Outras Palavras</b> .....	<b>47</b>
2.2.5 <b>Módulo 5 – Olhar para si</b> .....	<b>49</b>
2.2.6 <b>Educativo</b> .....	<b>51</b>
2.3 AVALIAÇÃO DO PROJETO .....	52
<b>3 ANÁLISE DA EXPOSIÇÃO VIRTUAL [DES]MUNDO</b> .....	<b>54</b>
3.1 RESULTADOS NA PRESERVAÇÃO .....	54
3.2 RESULTADOS NA PESQUISA.....	59
3.3 RESULTADOS NA COMUNICAÇÃO.....	62
3.4 UMA REFLEXÃO SOBRE O TEMA.....	65
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>70</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>75</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho diz respeito a um tema que vem ganhando espaço na discussão pública, especialmente no âmbito da museologia, sobre a virtualidade. Alguns teóricos como Pierre Lévy têm discutido o tema desde a década de 1990, período este que manifestou as primeiras experiências de museus virtuais. E, desde então, as tecnologias vem crescendo, como apontado pelo último relatório anual do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE – de 2022 que pontua o aumento de 6% de pessoas com acesso à internet, representando em 2021 90% da população brasileira com acesso a ela. Neste sentido, altera-se o estilo e a dinâmica da vida social, causando maior reflexão e desafios para as ciências sociais.

Estes desafios tecnológicos se tornaram ainda mais evidentes nos últimos quatro anos, de 2020-2021. Os dois anos foram marcados com uma crise sanitária global pelo SARS-CoV-2, também chamado de COVID-19. Esta crise trouxe para diversos campos sociais a necessidade do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), mais especificamente os computadores, para o exercício de suas atividades.

Nos últimos anos, também, temos observado que a Museologia tem se debruçado, com certa frequência, no tocante aos ambientes digitais, como as tecnologias têm sido usadas pela sociedade, como a construção do conceito “cibermuseologia”, na leitura de Anna Leshchenko (2015) que seriam as questões discutidas pelos teóricos das relações entre a experiência digital e o usuário, sendo o último se referindo ao público dos museus em experiências digitais virtuais. Temos, também, o trabalho de Diana Lima (2019), no qual a autora fez a distinção de categorias teórico-conceituais de museus virtuais.

Ainda, observamos no campo da Museologia autores como Werner Schweibenz (1998) e Monique Magaldi (2015), desenvolvendo não somente a definição de museu virtual como, também, dos demais tipos de experiências na internet como os webmuseus, cibermuseus, museus digitais, museus online, hipermuseu e museus eletrônicos, categorias essas que serão discutidas mais a frente.

Destacamos, também, nos estudos referentes ao campo da Museologia a importância dos procedimentos referentes à mudança do estatuto de um objeto qualquer em *museália* (objeto de museu), tal como apontado por Zbyněk Stránský (1985). A musealização, termo

dado a este processo, é um procedimento relacionado à gestão do bem cultural a ser adquirido, perpassando pelas etapas de preservação, pesquisa e comunicação (Desvallées; Mairesse, 2013). Destacamos, porém, que autores como Bruno Brulon (2017) fazem ressalvas quanto ao processo de musealização, pois este instrumento de modificação do *status* do objeto, com fins de uma construção discursiva, pode ser mal administrada caso não seja observada as categorias sociais e culturais, podendo levar ao desrespeito ou a simplificação de grupos relacionados ao objeto a ser musealizado. Estas etapas são os elementos constituintes do que Maria Célia Santos (1996) veio a denominar de processo museológico, cujo processo refere-se a mudança de status do objeto para um objeto de museu.

Mas, a Museologia tem estudado este processo museológico em experiências museais físicas, como museus, centros de documentação e outros. No entanto, como estes procedimentos funcionam e são aplicados em experiências de realidade virtual/digital? É neste sentido, então, que buscamos entender quais os processos envolvidos na construção de uma exposição curricular virtual do Curso de Museologia da Universidade de Brasília, em meio à situação calamitosa durante os anos de 2020 e 2021, período esse em que projeto para a exposição em epígrafe foi desenvolvido.

Assim sendo, no primeiro momento deste trabalho contextualizaremos onde a discussão das experiências digitais/virtuais surge na história do campo da Museologia. Desenvolveremos, também, o aparecimento do termo processo museológico, bem como, a sua definição e as diversas comparações sobre este processo no campo. A partir das definições estabelecidas por nós, no segundo momento iremos descrever a construção e a configuração da Exposição Virtual [Des]mundo. No terceiro momento, iremos analisar com base na perspectiva dos autores relacionados à pesquisa dos processos museológicos o projeto da Exposição Virtual [Des]mundo, e verificar se estes processos estiveram presentes na exposição.

## OBJETIVOS

A nossa pergunta de pesquisa é: Como operaram os processos museológicos na Exposição Virtual [Des]mundo realizada pela Universidade de Brasília em 2021?

Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é analisar os processos museológicos da Exposição Virtual [Des]mundo realizada pela Universidade de Brasília, em 2021. Sendo os objetivos específicos: a - contextualizar a Exposição Virtual [Des]mundo; e b - identificar os processos museológicos dessa Exposição da Universidade de Brasília (2021).

## JUSTIFICATIVA

A pesquisa, portanto, pretende identificar e analisar como opera o processo museológico em ambientes virtuais/digitais, pois observamos ser um tema pouco explorado nas bases de dados. Os conceitos como processo museológico, virtualidade, musealização que serão discutidos estão inseridos neste escopo da Teoria Museológica, temáticas discutidas por diversos autores como Monique Batista Magaldi, Diana Farjalla de Lima, Pierre Lévy e outros. Neste sentido, portanto, a produção textual foi elaborada a partir da perspectiva do Eixo de Teoria e Prática Museológica, dentre os quatro eixos integrantes do currículo da Museologia.

O processo museológico é um processo no qual o museólogo constrói discursos que caracterizarão o objeto de museu a partir de ações de pesquisa, preservação e comunicação para a qualificação da cultura, de acordo com Maria Célia Teixeira Moura Santos (1996). Este processo, então, tem se manifestado através do tempo, como pontuado por Maria Cristina Oliveira Bruno (2008), nas ações técnico-científicas de pesquisa (campo interdisciplinar de conhecimentos), de salvaguarda (conservação, documentação e armazenamento) e de comunicação (ação educativa e exposição) nas instituições museais, procedimento este chamado no campo de cadeia operatória. Porém, estas experiências decorrem da relação apresentada por Waldisa Rússio, ou seja, a relação do Homem, objeto em um contexto museal, chamado de fato museal.

Com a popularização dos computadores, celulares e a internet, muito se tem questionado no campo da museologia sobre as experiências virtuais, como exposto por Monique Batista Magaldi (2010), uma vez que o virtual nunca se materializa, pois como nas palavras de Pierre Lévy “o virtual é o que existe em potência e não em ato” (Lévy,1996, p.5). Neste sentido, a manifestação das atividades museais que outrora foram desenvolvidas em um espaço físico, agora têm sido concebidas em um ambiente virtual.

Portanto, é neste sentido que procuramos estudar e compreender a importância da Exposição Virtual De[s]mundo (2021). Queremos entender sua importância para a questão da virtualidade, os museus digitais, os processos museológicos em ambientes digitais e sua relevância em tempos de crise. É sobre estes pontos que justificamos esta pesquisa.

## METODOLOGIA

A metodologia a ser desenvolvida neste trabalho será uma revisão de literatura, para os quais desejamos destacar o que é o processo museológico, segundo a definição de Maria Célia Santos (1996), pois foi a primeira a cunhar o termo no contexto brasileiro e defini-lo, e como este se manifesta nos ambientes virtuais. Portanto, a pesquisa utilizará o método qualitativo, por meio do qual haverá um levantamento bibliográfico, sistematização da literatura, elaboração de instrumento de coleta de dados (questionário), descrição da Exposição De[s]mundo e a análise, no qual iremos fazer a interpretação da análise dos dados a partir dos autores, para fazermos uma inferência a partir dos dados coletados e a bibliografia, segundo Uwe Flick (2013).

Sendo assim, propomos construir, também, questionário, no qual será testado se há, como bem pontuado por Maria Célia Santos, as ações museológicas de preservação, pesquisa e comunicação, os elementos básicos do processo museológico, formulada no escopo da Exposição [Des]mundo.

Quanto ao método de análise, faremos uso dos diversos autores para este trabalho, mais especificamente Maria Célia Santos (1996), Desvallées e Mairesse (2013) e, por fim, Manuelina Cândido (2014; 2019). No que diz respeito à escolha do trabalho de Maria Célia Santos, relaciona-se à primeira vez que o termo “processo museológico” fora empregado, como também definido pela autora no contexto do trabalho de musealização de objetos no Museu Didático-Comunitário de Itapuã da Bahia. A escolha do trabalho “Os Conceitos-Chave de Museologia” de Desvallées e Mairesse (2013) vincula-se com a definição dos elementos que constituem o processo museológico (preservação, pesquisa e comunicação) discutido por Santos (1996) e, também, o conceito dos autores de musealização. O motivo para a escolha de



Manuelina Cândido (2014; 2019) se deu pelo fato da mesma analisar em seus textos os aspectos da preservação, pesquisa e comunicação no contexto específico da utilização do instrumento de musealização da salvaguarda e comunicação, categoria esta mais sintética quando abordado por outros autores da museologia. Sendo assim, a escolha destes autores relaciona-se a *expertise* deles e de seu reconhecido saber, no tocante a produção destes autores no campo teórico da Museologia, na discussão dos processos museológicos ou de musealização, os quais serão tratados mais a frente.

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 ORIGENS

A origem da “Museologia” enquanto área de conhecimento é produto de uma construção conceitual da história recente, embora o termo seja mais antigo segundo o historiador francês Dominique Poulot<sup>1</sup> (2009). De acordo com Dominique Poulot (2009), a palavra “Museologia” teria derivado do termo originário *museographia*, expressão esta que surge do trabalho de Caspar Friedrich Neickel, escritor e comerciante do século XVIII, que em 1727 teve seu livro de mesmo nome *Museographia* publicado. Nele, o autor se propõe a refletir sobre o lugar mais adequado para receber coleções (a conservação dos objetos) e aspectos inerentes à classificação. Assim, observamos o início epistemológico, no qual Neickel estabelece os fundamentos para a sistematização de uma prática. Todavia, ressaltamos que na atualidade os termos Museologia e Museografia se distinguem entre si, pois o primeiro diz respeito ao estudo das relações humanas e sua realidade segundo o teórico Zbynek Stránský (1979), enquanto o segundo diz respeito ao conjunto de atividades referentes às ações práticas no museu, ou seja, relacionados aos aspectos da exposição (Desvallées; Mairesse, 2013).

Neste sentido, os museus do século XIX começam a produzir, também, catálogos, ou seja, uma sistematização dos acervos por meio de uma descrição detalhada de cada objeto (Yassuda, 2009), para além das atividades técnicas do profissional do museu, cujo trabalho se centralizava na organização de gabinetes ou em aspectos profissionais referentes à ciência naturalista, de conservação e taxonomia, como

---

<sup>1</sup> Dominique Poulot é um historiador francês, professor da Université Paris 1 – Panthéon Sorbonne, com produção de pesquisa reconhecida internacionalmente nas temáticas sobre história das coleções e dos museus e sobre história cultural do patrimônio.

ressaltado por Dominique Poulot (2009). Destacamos, ainda, que os gabinetes de curiosidades desde o século XVI abrigavam as diversas coleções de história natural, como exposto por Rosa Maria Alves Pereira (2006, p.407): “A partir do século XVI foram surgindo os Gabinetes de Curiosidades, que eram amplos salões destinados a abrigar as coleções de História Natural”, presente nos primeiros museus. O escopo tradicional dos museus, no entanto, se modifica no final do século XIX e início do século XX, no qual a instituição adere aos novos campos de conhecimento emergentes como a etnografia, as artes, a arqueologia e a história, para além do campo da História Natural.

Após a 1ª Guerra Mundial, organizações e instituições tais como o *Office International des Musées* - Escritório Internacional de Museus (1926-1946), *École du Louvre*, Museu Histórico Nacional (MHN) e outros órgãos se preocuparam em fornecer cursos relativos à prática museal, por meio da disseminação de teorias (relativas à prática do museu) e das experiências dos profissionais nos museus, como apresentado por Dominique Poulot : “Cada país dispõe, posteriormente, de sua própria associação que serve de suporte à circulação de ideias e de modelos em uma escala, ainda em grande parte, individual dos especialistas e dos diretores de estabelecimentos”(Poulot, 2009, p.128), como bem exploradas nos textos de Bruno Brulon, Luciana Carvalho e Henrique Cruz “*Unirio: A Model of evolving Museology Teaching in Brazil*” (Brulon; Carvalho; Cruz; 2016) e de Luciana Costa em “Institucionalização e a configuração atual da Formação em Museologia no Brasil” (Costa, 2020). Este período pós 1ª Guerra Mundial, de 1934 a 1976, para Ivo Maroevic (1998), historiador croata da arte e teórico da Museologia, foi o período empírico e descritivo do campo museológico. Dominique Poulot sugere, em linhas gerais, um novo tipo de olhar para o objeto de estudo da museologia, tendo seu surgimento no decorrer da década de 70, no qual os aspectos sociais começam a ganhar proeminência no campo, ao mesmo tempo em que separa as técnicas do museu (museografia) da disciplina científica (museologia):

[...] a disciplina se interessa essencialmente pelas dimensões sociais, filosóficas e políticas, até então negligenciadas – contrariamente à museografia, cujo campo continua sendo o das técnicas do museu. O objetivo consiste claramente em fundar a museologia como disciplina científica e definir, simultaneamente, as profissões do museu e o quadro da pesquisa em seu âmbito (Poulot, 2009, p.129)

Em 1976, o diretor do ICOM à época, Jan Jelínek, apresentou uma proposta de criação de um comitê orientado ao estudo da museologia, que auxiliasse a pensar, nas diversas esferas, o desenvolvimento e a adaptação das diversas questões contemporâneas, para

sua implementação ou reflexão nos museus, visão esta corroborada pela autora Luciana Menezes de Carvalho<sup>2</sup>, quando diz:

Jan Jelínek apresentou ao Comitê Consultivo do ICOM a proposta de criação de um comitê voltado ao estudo da museologia. Nela, Jelínek propôs a criação de um comitê que servisse de “consciência do ICOM”. O estabelecimento desse novo comitê internacional, dedicado ao estudo da museologia, o ICOFOM, se deu em 15 de junho de 1976 (Carvalho, 2022, p.7).

Mas, somente em 1977, foi fundado o Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM – *Internacional Committee for Museology*), com o auxílio de Jan Jelínek, presidente do Conselho Internacional de Museus (ICOM – *Internacional Council of Museums*) nos anos de 1971 a 1977, de acordo com Luciana Menezes Carvalho (2022). No cenário nacional brasileiro, Waldisa Rússio, no mesmo ano, fora nomeada para organizar um Curso de Museologia em nível de pós – graduação na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1933), no qual a autora desenvolveria suas teses no campo da Museologia e traria as reflexões do ICOFOM para seu curso.

Com efeito, o trabalho de Waldisa Rússio foi influenciado pelas experiências obtidas no exterior, segundo Viviane Sarraf<sup>3</sup> (2018). Segundo a autora “Waldisa trouxe para as ações empíricas dos museus brasileiros os conceitos da museologia social e da nova museologia” (Sarraf, 2018, p.309), evidenciando, então, uma vertente em ascensão, cujo início está, para muitos, na Mesa de Santiago do Chile<sup>4</sup> (1972) e culmina na Declaração de Québec<sup>5</sup> (1984) e no Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM - 1985), de uma museologia social não focada nos objetos.

Na década de 90, porém, o campo demonstra desacelerar os avanços de sua produção dos anos 80, onde a museologia da corrente europeia está preocupada na formulação de modelos e tipologias, descolada de um fazer museal em plena evolução e desenvolvimento, e assim cada vez mais dedicado à organização dos estabelecimentos. Pontuamos, também, que houve a produção de resoluções e diretrizes norteadoras de

---

<sup>2</sup> Doutora e mestre em Museologia e Patrimônio pelo PPG-PMUS UNIRIO/MAST. Possui graduação em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO (2006). Museóloga da Escola de Museologia da UNIRIO. Atuou como diretora (2011-2021) e museóloga (2008-2021) do Museu da Memória e Patrimônio da Universidade Federal de Alfenas – MMP-UNIFAL-MG. Fonte: Currículo Lattes. Disponível em: [Busca Textual - Currículo Lattes \(cnpq.br\)](#)

<sup>3</sup> Professora Colaboradora do Programa de Pós Graduação Interunidades em Museologia – USP. Professora do Curso de Especialização em Museologia, Cultura e Educação da PUC-SP e do Curso de Especialização em Audiodescrição da PUC-Minas. Consultora da OEI para criação de Política de Acessibilidade em Museus do IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus (2023). Foi consultora da UNESCO para Projeto PRODOC da SECEC-DF (2022). Fonte: Currículo Lattes. Disponível em: [Busca Textual - Currículo Lattes \(cnpq.br\)](#)

<sup>4</sup> ARAÚJO, Marcelo Mattos et al. Mesa-Redonda de Santiago do Chile, ICOM, 1972. 1999.

<sup>5</sup> MOUTINHO, Mário Caneva et al. Declaração de Quebec: princípios de base de uma nova museologia, 1984. 1999.

boas práticas nos museus no mesmo período (Poulot, 2009). Porém, durante as gestões de Peter van Mensch (1989-1993) e Martin Schärer (1993-1998) a frente do ICOFOM, eles trouxeram os outros comitês para avaliar e resolver as diversas situações similares destes grupos e se comprometem em ações práticas, como nos casos do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), o Comitê Internacional para a Formação do Pessoal (*Internacional Committee for the Training of Personal - ICTOP*) ou o Comitê Internacional dos Museus de Etnografia (*Internacional Committee for Museums of Ethnografy - ICME*).

Observamos, ainda em 1991, o surgimento do termo museu virtual, mencionado no artigo de Denis Tsichritzis e Simon Gibbs intitulado *Virtual museums and virtual realities* (1991), no qual “[...] os autores não chegaram a enunciar um conceito, mas utilizaram a expressão para denominar passeios virtuais em museus e propõem nesse artigo a montagem de um protótipo de um museu virtual” (Henriques, 2018, p.56), sendo esta experiência entendida como um Museu Virtual Conversão Virtual, categoria esta dada aos museus físicos os quais disponibilizam seu acervo para a plataforma digital, através do site do museu. No tocante aos museus virtuais, a autora Diana Lima<sup>6</sup> (2009) entende que há três categorias de museus virtuais: A (Museu Virtual Original Digital); B (Museu Virtual Conversão Digital) e; C (Museu Virtual Composição Mista). As três categorias podem ser definidas, a partir dos Grupos Interpretativos que correspondem às três categorias, respectivamente.

O primeiro conjunto, Museu Virtual: Grupo Interpretativo 1, no qual o Museu e Coleção existem em contexto museológico somente no meio virtual, deste modo, não há correspondentes no meio físico, material (mundo real). [...] Sua existência ocorre e é privativa do ciberespaço, o site, e a característica é o acesso unicamente pela rede internacional de computadores. Representa o caráter desterritorializado, sua feição é da imaterialidade (intangível).

Segundo conjunto, Museu Virtual: Grupo Interpretativo 2, em que Museu e Coleção são construções oriundas do mundo físico. Existem e assim ocupam tanto um território ‘real’, material, quanto também estão representados no espaço web (site), intangível, deste modo, há correspondência entre ambos.

O terceiro conjunto, Museu Virtual: Grupo Interpretativo 3, situação na qual embora não haja correspondência do Museu no mundo físico, porém, a Coleção material convertida digitalmente decorre de correspondência no mundo real. Trata-se do Museu criado pelo processo digital e que só existe no

---

<sup>6</sup> - PROFESSORA TITULAR, Museologia (UNIRIO). – UNIRIO: na graduação Museologia (1996/2021); no Programa de Pós-Graduação e Museologia e Patrimônio UNIRIO/MAST (PPG-PMUS 2006/atual), ---PESQUISADORA CNPq (PRODUTIVIDADE): área Museologia (2013/atual). ---CONSULTORA AD HOC CNPq MUSEOLOGIA:2006/2013. ---GRUPO DE PESQUISA CNPq (LIDERANÇA): Campo da Museologia: perspectivas teóricas e práticas, Musealização e Patrimonialização. Fonte: Currículo Lattes. Disponível em: [Busca Textual - Currículo Lattes \(cnpq.br\)](#).

ciberespaço, mas a Coleção exibida pelo Museu Virtual resulta da coleta e do arranjo organizado integrando (replicando) objetos, imagens, textos que procedem da vida real e tratam do seu tema (Lima, 2019, p.95- 96).

Neste sentido, o primeiro conjunto diz respeito a um museu cuja existência esteja integralmente vinculada aos computadores, sem nenhuma relação com um museu físico como o Museu da Pessoa, fundado em 1991 com o intuito de ser virtual, cujo objetivo é apresentar as experiências das pessoas por meio da gravação de vídeos, por exemplo. O segundo conjunto se refere aos museus que contêm os dois aspectos, sendo que o museu existe no mundo real e no digital (site) tal como o Museu do Sapato de Franca, fundado em 2001 cujo objetivo é apresentar a história coureiro/calçadista brasileira e, mais especificamente, de Franca. Este museu se encaixa na categoria do segundo conjunto, ou seja, o Museu Virtual Conversão Digital porque o museu existe fisicamente em Franca como, também, há a correspondência deste museu em um endereço digital na internet. O terceiro conjunto são os museus cuja manifestação na Internet deriva da digitalização das coleções físicas como o Museu Virtual Valentino Garavani, fundado em 2011 com o propósito de preservar a história do estilista Valentino Garavani, o museu disponibiliza os desenhos, ilustrações, fotografias e outras imagens do trabalho de Garavani, sendo que o museu tem correspondência somente na internet, mas seu acervo é composto de coleções de obras físicas os quais foram digitalizadas, razão esta de estar no terceiro conjunto de Diana Lima (2019) dos museus virtuais.

Embora tenhamos apresentado, brevemente, um pouco da história da museologia, desde os estudos dos gabinetes de curiosidades às experiências virtuais, ainda cabe a nós defini-lo. De acordo com os Conceitos – Chave de Museologia o conceito de museologia é “uma relação específica entre o homem e a realidade, caracterizada como a documentação do real pela apreensão sensível direta” (Desvallées; Mairesse, 2013, p.63), ou seja, a museologia, portanto, é a relação de uma pessoa com os objetos museológicos, nos quais os estudiosos da Museologia se propõem documentar ou descrever este fenômeno entre o indivíduo e os objetos museológicos.

Agora, para que este estudo possa ser feito é necessário definir, também, o que é um objeto de museu, chamado no campo da Museologia de *museália*. O objeto de museu é todo conjunto de objetos que passam pelo processo de musealização, segundo a definição dada por André Desvallées e François Mairesse (2013, p.69), ao dizer “Pelo seu trabalho de aquisição, de pesquisa, de preservação e de comunicação, é possível

apresentar o museu como uma das grandes instâncias de “produção” de objetos, isto é, de conversão das coisas que nos rodeiam em objetos”, processo por meio do qual o objeto será imbuído de significados ou qualidades atribuídos a ele, também denominado por Zbyněk Stránský (1985) de musealidade.

## 1.2 FORMULAÇÃO CONCEITUAL

Os trabalhos mais antigos, no qual o conceito de processo museológico é estabelecido, são encontrados nos Cadernos de Sociomuseologia nº 07 (1996): Processo museológico e educação, de Maria Célia Santos<sup>7</sup>. A autora Maria Célia Santos, neste sentido, compreende processo museológico “[...] como as ações de pesquisa, preservação (coleta, registro e conservação) e comunicação, tendo como referencial o fato museal” (Santos, 1996, p.96). Destacamos, porém, que esta definição de processo museológico é o mesmo aplicado, por exemplo, em musealização como apresentado no livro *Conceitos – Chave da Museologia*, onde a musealização consiste na ressignificação de um objeto em um objeto de museu (museália), por meio das atividades de preservação (seleção, aquisição, conservação), de pesquisa (documentação ou catalogação) e, por fim, de comunicação (exposição, educação e publicação), elementos estes destacados e demonstrados pelos autores André Desvallées e François Mairesse ao abordarem que:

É por esta razão que a musealização, como processo científico, compreende necessariamente o conjunto das atividades do museu: um trabalho de preservação (seleção, aquisição, gestão, conservação), de pesquisa (e, portanto, de catalogação) e de comunicação (por meio da exposição, das publicações, etc.) (Desvallées; Mairesse, 2013, p.57 - 58).

---

<sup>7</sup> Possui graduação em Museologia pela Universidade Federal da Bahia (1973), mestrado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (1981) e doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (1995). Atualmente é pesquisadora da Universidade Federal da Bahia, membro da Associação Brasileira de Museologia, coordenação do Ministério da Cultura, conselheira da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários, conselheira do Conselho Internacional de Museus-ICOM/BR, professora da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e conselho consultivo do patrimônio museológico do Instituto Brasileiro de Museus. Fonte: Currículo Lattes. Disponível em: [Busca Textual - Currículo Lattes \(cnpq.br\)](http://BuscaTextual - Currículo Lattes (cnpq.br))

Desse modo, o “[...] sistema PPC (Preservação – Pesquisa – Comunicação) proposto pela Reinwardt Academie de Amsterdam” (Desvallées; Mairesse, 2013, p.35 - 36) é um dos métodos utilizados em algumas instituições para a transformação de um objeto em *museália*, ou seja, um objeto de museu. Embora, muitas instituições ou profissionais se utilizem deste sistema, há alguns no campo da Museologia que não fazem uso deste sistema, recorrendo, assim, a outros métodos para o processo de ressignificação, algum dos quais nós veremos mais à frente. Dito isso, devemos delinear conceitualmente estes elementos que constituem a musealização, ou seja, os processos museológicos, que por sua vez, são elementos fundamentais à musealização, os quais dizem respeito à preservação, pesquisa e à comunicação.

Sobre o sistema PPC (Preservação – Pesquisa - Comunicação), a preservação, no contexto museológico, são todas as operações referentes à aquisição, catalogação, acondicionamento e sua conservação (Desvallées; Mairesse, 2013), em qualquer instituição responsável por estes objetos museais. A aquisição destes objetos, sejam materiais ou imateriais, são feitos por meio da coleta, doação, compra, troca, escavações arqueológicas e, por vezes, roubo e pilhagem, segundo André Desvallées e François Mairesse (2013). A catalogação é a “maneira a certificar o seu estatuto museal – o que, particularmente em alguns países, lhes confere um estatuto legal específico, uma vez que os objetos entram no inventário, especialmente em museus públicos, em que esses bens são inalienáveis e imprescritíveis” (Desvallées; Mairesse, 2013, p.79), ou seja, estes objetos musealizados têm seus efeitos na esfera jurídica destes países que conferem este estatuto legal. O acondicionamento, sendo uma das atividades relativas à gestão das coleções, é feito nas reservas técnicas. A conservação é o conjunto de práticas cujo objetivo é fornecer os meios para desacelerar os processos de degradação do material, afim de que estes objetos estejam disponíveis para as próximas gerações.

A pesquisa tem por “objetivo o de realizar pesquisas sobre os testemunhos materiais do Homem e da sociedade” (Desvallées; Mairesse, 2013, p.77). As atividades referentes à pesquisa, o segundo elemento do PPC (Preservação – Pesquisa – Comunicação), de acordo com Jean Davallon (1995) podem ser divididas em quatro partes. A primeira perspectiva de pesquisa, diz respeito à própria coleção, no qual o material de apoio inclui as disciplinas (história, artes, história natural, etc.), por meio das quais, as atividades relativas à classificação são manifestadas e praticadas. A segunda visão está relacionada ao desenvolvimento de instrumentos museais como, por exemplo, pesquisas de público, métodos de gestão, materiais e normas de conservação e



estudos de restauração, através das disciplinas exteriores ao campo museológico. O terceiro diz respeito à reflexão sobre as missões e o funcionamento do museu. O quarto, e último tipo de pesquisa, aborda a percepção da instituição, no tocante do aspecto midiático e patrimonial do museu (Desvallées; Mairesse, 2013).

A comunicação, em uma de suas definições, pode ser classificada como a “comunicação como transferência de informação e a comunicação como interação entre dois sujeitos sociais” (Davallon, 2007, p.11), ou seja, a atividade na qual haja uma transferência de informação, de um emissor, através de um suporte, a um ou mais receptores (Lasswell, 1948). O entendimento, porém, do que chamamos de comunicação não se restringe ao ser humano, como bem salientado no trabalho de Norbert Wiener, publicado em 1948, *Cybernetics: Or Control and Communication in the Animal and the Machine*, uma vez que o autor aponta a comunicação dos homens e as máquinas. Mas, a comunicação praticada nos museus se manifesta de duas maneiras distintas: 1. A primeira maneira seria através da publicação de suas pesquisas nos catálogos, congressos, artigos e outros e; 2. A segunda maneira diz respeito ao acesso a estes objetos musealizados no contexto expositivo e educativo (Desvallées; Mairesse, 2013).

O termo exposição tem sua origem no latim *expositio*, do século XII. O termo, no início, teria três sentidos: a. o primeiro seria o sentido figurado de uma explicação; b. o segundo, então, seria o sentido real ou literal de uma exposição e; por último, nós teríamos o sentido geral de se exhibir. A palavra *exposition* do francês, desenvolvida já no século XVI, tinha uma essência mercadológica, ou seja, um sentido de apresentação de bens comerciais. A partir do século XVII, ainda na França, a mesma palavra passou a ser definida como uma apresentação inicial (no contexto de uma obra de arte), o estado de um edifício ou abandono. Mas, desde o século XVIII, os franceses aderiram ao termo *exhibition*, se referindo, também, às obras de arte embora o termo para a apresentação de arte, com o tempo, seria *exposition*, termo que como *exhibition* derivam da língua inglesa. Agora, o termo *exhibition* (em inglês), *exposition* (em francês) e exposição (em português) tem o mesmo sentido, o qual se refere ao conjunto de objetos de diferentes características expostas ao público (Desvallées; Mairesse, 2013).

Neste sentido, a exposição, portanto, é a ação de expor, seja um objeto ou um conjunto de objetos, seja a apresentação de um lugar. A exposição não engloba somente os objetos materiais, mas, também, os imateriais. Assim, com as “novas tecnologias e

do design por computadores popularizou a criação de museus na internet e a realização de exposições que podem ser visitadas na tela ou por meio de suportes digitais” (Desvallées; Mairesse, 2013, p.77). Conseqüentemente, os autores André Desvallées e François Mairesse (2013) defendem a tese de que estas experiências devem ser denominadas de “exposições digitais” ou “ciberexposições”, perspectiva terminológica contrária à empregada por muitos de “exposições virtuais”, aspecto este que será tratado em nosso trabalho mais à frente.

A educação, termo que vem do latim *educere*, são os meios pelos quais o indivíduo se utiliza, para o desenvolvimento de suas capacidades, através dos meios disponíveis a ele (Desvallées; Mairesse, 2013). A educação nos museus, porém, segue o princípio da educação não formal:

[...] embora obedeça também a estrutura e a uma organização (distintas porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja esta a finalidade), diverge ainda da educação formal no que diz respeito à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação de conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto (Von Simson, 2001, p. 9).

De acordo com Mário de Souza Chagas, sobre a educação não formal no contexto de um museu de ciências, diz que:

A educação não-formal processa-se fora da esfera escolar e é veiculada pelos museus, meios de comunicação e outras instituições que organizam eventos de diversa ordem, tais como cursos livres, feiras e encontros, com o propósito de ensinar ciência a um público heterogêneo. A aprendizagem não-formal desenvolve-se, assim, de acordo com os desejos do indivíduo, num clima especialmente concebido para se tornar agradável. (Chagas, 1993, p. 52).

A educação não-formal nos museus, portanto, utilizam metodologias específicas para passar uma informação que se distingue do modo como estes conhecimentos são introduzidos ou passados em sala de aula. Mas, a educação não-formal é mais do que uma diferente abordagem sobre determinado assunto, pois há um aspecto de deleite no processo de aprendizagem, proposta esta presente em definições passadas de museu, ainda que não obstante de seu objetivo: educar.

### 1.3 DEFINIÇÕES COMPARADAS

Vimos até aqui um pouco do contexto cronológico da Museologia desde suas origens até onde estamos no campo atualmente, bem como a relação do conceito do processo museológico neste processo construtivo desta disciplina, em nossa história. Nós trataremos, então, nesta seção sobre o que outros autores entendem por processo de musealização. Uma vez entendido que o processo museológico ou musealização diz respeito a esta cadeia operatória da museologia, que compreende as ações de preservação, pesquisa e comunicação, devemos observar, também, que as definições dadas pelos autores podem ser semelhantes entre si, mas podem, entretanto, enfatizar ou sintetizar algum destes elementos que constituem este processo. Como mencionado neste trabalho, segundo Maria Santos (1996), o processo museológico compreende as ações de preservação (coleta, registro e conservação), pesquisa e comunicação, tendo por referência destas ações o *fato museal* (Santos, 1996), conceito este referente à relação do Homem (H) com o Objeto (O) em um lugar, chamado formalmente de Cenário (C), formulado por Waldisa Rússio (1984). A autora Manuelina Maria Duarte Cândido<sup>8</sup> (2008) destaca, porém, que Mário Chagas utiliza, em algumas ocasiões, uma visão mais sintética do conceito, no qual os elementos que compõem seriam a preservação e a dinamização.

Nós ressaltamos, também, que no texto “A UnB é um Museu? Pensando possibilidade de musealização”, produzido por Monique Batista Magaldi<sup>9</sup>, a autora indica que “a musealização seria um processo ou cadeia operatória ou a ressignificação

---

<sup>8</sup> Manuelina Maria Duarte Cândido é Licenciada em História pela (UECE, 1997), Especialista em Museologia (USP, 2000), Mestre em Arqueologia (USP, 2004), Doutora em Museologia (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal, 2012) e realizou estágio Pós-Doutoral em Museologia com supervisão do prof. François Mairesse, na Universidade Paris III, Sorbonne Nouvelle (França). Coordenou o Núcleo de Ação Educativa do Centro Cultural São Paulo, dirigiu o Museu da Imagem e do Som do Ceará e o Depto. De Processos Museais do IBRAM. Fonte: Currículo Lattes. Disponível em: [Busca Textual - Currículo Lattes \(cnpq.br\)](#).

<sup>9</sup> Possui graduação em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2006), mestrado em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2010) e doutorado em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília (2017). Atualmente, é docente permanente da Escola de Museologia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. É docente colaboradora no Curso de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS/UNIRIO-MAST. É coordenadora do Curso de graduação em Museologia, no turno Integral, da Escola de Museologia da UniRio. Fonte: Currículo Lattes. Disponível em: [Busca Textual - Currículo Lattes \(cnpq.br\)](#).

de um bem cultural, no âmbito de instituições museais ou museus” (Magaldi, 2020, p.67), a partir, é claro, dos elementos já citados, sendo eles a preservação, pesquisa e comunicação. Temos, contudo, uma descrição de processo museológico distinto no Decreto nº 8.124, de 11 de outubro de 2013, no qual ele diz em seu artigo 2º, inciso X:

X - processo museológico - programa, projeto e ação em desenvolvimento ou desenvolvido com fundamentos teórico e prático da museologia, que considere o território, o patrimônio cultural e a memória social de comunidades específicas, para produzir conhecimento e desenvolvimento cultural e socioeconômico (Brasil, 2013).

Neste sentido, o decreto expande o conceito e direciona o entendimento, visto que uma vez estabelecidos os programas, projetos e ações baseados nos conhecimentos teóricos e práticos da museologia, a sua aplicação tem como resultado fomentar a produção de conhecimento e, por conseguinte, o desenvolvimento cultural, social e econômico, no contexto específico de cada instituição. Tal expansão na regulamentação é notável se compararmos com a interpretação do artigo 2º, inciso III, da Lei 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que expressa “III – atividades museológicas: os procedimentos de seleção, aquisição, documentação, preservação, conservação, restauração, investigação, comunicação, valorização, exposição, organização e gestão de bens culturais musealizados” (Brasil, 2013), ou seja, no qual as “atividades museológicas” consistem nos elementos constituintes do processo de musealização ou o processo museológico definido por Maria Célia Santos (1996).

O conceito de musealização, portanto, não é a simples noção de selecionar um objeto e transportá-lo para uma instituição museal e deixá-lo sob sua responsabilidade, como bem destacada por Zbyněk Stránský (1995), mas “por meio da mudança de contexto e do processo de seleção, de “thesaurização” e de apresentação, opera-se uma mudança do estatuto do objeto” (Desvallées; Mairesse, 2013, p.57), ou seja, por meio de um tratamento museológico de preservação (seleção, aquisição, gestão e conservação), pesquisa (catalogação, estudo, congresso, artigo) e comunicação (exposição, ação educativa cultural e publicação).

Segundo Manuelina Maria Duarte Cândido, sobre o processo de musealização, a gênese deste processo surge da seleção de um objeto qualquer, relacionado à missão institucional, cujo objetivo desta etapa seria a atribuição de valores ou sentidos a este objeto. Este processo seria já a preservação deste objeto que resultará na aplicação dos procedimentos técnico-científicos, ou seja, nos processos relativos à salvaguarda (documentação museológica/ conservação preventiva) e à comunicação

(expografia/ação cultural-educativa), sendo denominado este conjunto de cadeia operatória. Uma vez que os procedimentos de salvaguarda e comunicação tenham sido estabelecidos, o objeto passará pelo processo de avaliação, que produzirá um novo olhar para o objeto produzindo, assim, um ciclo permanente dos processos de preservação, comunicação e avaliação, na medida em que as mudanças sociais ocorrem resultando em novas leituras sobre o objeto neste ciclo permanente (Cândido, 2014).

Logo, o sentido empregado por Manuelina Maria Duarte Cândido sobre o processo de musealização se faz por meio dos procedimentos técnico-científicos de salvaguarda e comunicação patrimonial. O entendimento de salvaguarda, adotada por Manuelina Maria Duarte Cândido (2019), se refere aos aspectos de documentação museológica e conservação, enquanto a comunicação patrimonial diz respeito à expografia e a ação educativa - cultural. Fazemos, no entanto, uma ressalva quanto ao termo patrimônio, empregado pela autora, uma vez que o entendimento deste conceito esteja pautado, em certa medida, no reconhecimento do Estado de um bem cultural (Lima, 2012), enquanto o processo museológico ou o regime de musealização é de uma natureza distinta, o qual transcende a necessidade do reconhecimento do Estado.

#### 1.4 EXPERIÊNCIAS VIRTUAIS, DIGITAIS E CIBERNÉTICAS

As primeiras experiências virtuais no contexto dos museus, como mencionamos, foram registradas em 1991 (Tsichritzis; Gibbs, 1991). E, neste sentido, estas coincidem com a proliferação da Internet no mesmo período da década de 90, tendo como suporte para tal assertiva as palavras de Rosali Henriques (2004, p.43), quando a autora diz que “A Internet é algo ainda muito novo, pois a proliferação de seu uso começou efectivamente na década de 90 do século XX”, embora esta Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) seja mais antiga, sendo, portanto, concebido e desenvolvido na década de 60, no contexto da Guerra Fria.

A Internet é uma rede global entre computadores, os quais dependem, por sua vez, de um modem ou uma placa de rede ligada a um provedor de acesso de um computador, para obter acesso a esta rede de computadores, segundo a visão de Rosali

Henriques (2004). Dito de outra maneira, a Internet é um sistema integrado de computadores, cujo propósito seria o compartilhamento informacional e a comunicação entre estes computadores, sendo necessário um computador ter um suporte como a placa de rede e o modem conectado ao provedor de acesso para tal processo ocorrer. Assim, a Internet permite, neste sentido, o acesso do usuário a uma gama de assuntos, tal como uma biblioteca a qual contém grande volume de livros, sendo este grande volume de informações classificadas e organizadas por temas, assuntos e assim por diante. O autor Luiz Cavalcante de Miranda compreende, em um de seus trabalhos, que a Internet é “uma rede de comunicação eletrônica que permite que seus usuários tenham acesso aos mais variados assuntos, em diversas áreas do conhecimento humano, em qualquer parte do mundo” (Miranda, 2005, p. 28). Dizendo de outra maneira, o acesso a uma rede de computadores por um usuário possibilita sua entrada, independentemente de onde você estiver, dando ao usuário total liberdade no que tange às suas pesquisas em tal rede.

Logo, a Internet pode ser concebida, à vista disso, como um espaço desterritorializado<sup>10</sup>. O conceito de território, tal como entendido por Jean Gottmann, “é uma porção do espaço geográfico que coincide com a extensão espacial da jurisdição de um governo” (Gottmann, 2012, p. 523), ou seja, o território é um pedaço de terra, por exemplo, delimitado por limites espaciais estabelecidos por um governo, onde as atividades de determinado governo são manifestadas e se restringem somente neste espaço limitado ou, em outras palavras, sob a sua jurisdição. A desterritorialização, por outro lado, é “o movimento pelo qual se abandona o território” (Haesbaert; Bruce, 2002, p. 14), em outras palavras, a desterritorialização é o processo através do qual os limites espaciais, anteriormente estabelecidos, deixam de existir ou são dificilmente discerníveis, tal como comentado, por exemplo, por Pierre Lévy<sup>11</sup> (1996) sobre a desterritorialização no contexto do hipertexto, quando o mesmo diz “Os dispositivos hipertextuais nas redes digitais *desterritorializam* o texto. Fizeram emergir um texto sem fronteiras nítidas, sem interioridade definível” (Lévy, 1996, p. 29).

---

<sup>10</sup> A desterritorialização é um termo que foi desenvolvido e abordado no livro “O anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia” (1972), de Gilles Deleuze e Félix Guattari, cujo desenvolvimento do termo está associado a ideia de um Estado, segundo a tese apresentada pelos autores. O Estado do qual os autores tecem suas críticas e se referem são dois: o Estado despótico, se referindo ao período da antiguidade e anterior ao conceito de Estado moderno e; o Estado moderno.

<sup>11</sup> Pierre Lévy nasceu em 2 de julho de 1956, na Tunísia, quando o país ainda era colônia da França. Ele estudou na Universidade de Sorbonne, em Paris, onde fez um mestrado em História da Ciência e um doutorado em Sociologia. Teve contato com as ideias de Michel Serres e Cornelius Castoriadis, que inspiraram um estudo sobre a invenção do computador. Fonte: Pós PUCPR Digital. Disponível em: <http://posdigital.pucpr.br/blog/pierre-levy>.

Assim, segundo Rosali Henriques (2004) a internet mudou como nós entendemos a comunicação, pois a Internet, por sua vez, também alterou as relações de espaço e tempo. Desse modo, esse novo espaço ou, melhor dizendo, o ciberespaço cujo surgimento vem exatamente com a Internet, é o espaço onde são evidenciadas as comunicações abertas por meio da relação mundial de computadores e o seu armazenamento informacional (Lévy, 2000), ou nas palavras de Rosali Henriques “O ciberespaço é um espaço criado pela Comunicação Mediada por Computadores, mais conhecida como CMC. Através da CMC é possível interagir neste novo espaço” (Henriques, 2004, p. 53).

A Comunicação Mediada por Computadores (CMC), do termo inglês *Computer Mediated Communication*, é somente o processo por meio do qual a transferência eletrônica ocorre por um ou mais sistemas de redes de telecomunicação (December, 1996). E, como abordado anteriormente, a manifestação desta comunicação ocorre no ciberespaço, conceito semelhante, também, à desterritorialização, pois o ciberespaço, segundo a perspectiva de Rosali Henriques (2004), é um não-lugar. Agora, o que a autora entende por não-lugar é simplesmente o caráter da ausência de um aspecto físico e, ao mesmo tempo, um caráter transitório. Este caráter transitório, portanto, constitui uma falta de materialidade e, assim sendo, um aspecto virtual.

Assim, é neste contexto em que se inserem os museus, os quais ao serem introduzidos à Internet começam a serem denominados: Museus Virtuais, como definido por Diana Farjalla Correia Lima (2009), quando a autora diz:

Neste novo cenário, a existência de museus no ambiente Internet – espaço web – e a partir desta nova situação deu-se o uso da denominação Museu Virtual. E, no fim do século passado, os vários sites de museus criados sinalizaram que a nova modalidade ou formato constitui para o campo museológico um fato inegável (Lima, 2009, p. 2452).

A autora, também, sinaliza que ao final do século XX, as várias experiências virtuais dos museus, através da criação de sites, destacaram um novo tipo de fenômeno a ser considerado no campo museológico, ou seja, no estudo da museologia. Porém, o que é um museu virtual?

O museu virtual não contém um único sentido conceitual. Alguns autores, como Rute Muchacho (2005), destacam que para muitos o museu virtual seria o site informativo das atividades do museu. Porém, a autora conceitua museu virtual como sendo “um museu sem fronteiras, capaz de criar um diálogo virtual com o visitante, dando-lhe uma visão dinâmica, multidisciplinar e um contacto interativo com a

coleção e com o espaço expositivo” (MUCHACHO, 2005, p. 582). Dito de outra maneira, o Museu Virtual seria mais do que um site informacional, este museu no ciberespaço, portanto, tem como objetivo estabelecer um diálogo com o usuário por meio da Internet, que, por sua vez, lhe proporcionará uma leitura distinta das coleções e do espaço expositivo, dando ao usuário uma nova experiência no modo como este fará o seu percurso.

Um caso prático do que a autora está pontuando aqui pode ser observado no Museu de Arte de São Paulo (MASP). O MASP dispõe em seu site suas coleções e, neste sentido, torna acessível a opção: explorar, a qual redirecionará o usuário à coleção a ser explorada, utilizando a ferramenta do *Google Arts & Culture*, tal qual representado na Figura 1. Uma vez neste espaço de uma das coleções, o usuário irá, através do mouse, direcionar o percurso a ser feito, dando ao mesmo a liberdade de escolha. Como já abordado por nós, o MASP se enquadraria na segunda categoria de museus virtuais de Diana Lima, cujo museu físico existiria como também um site no qual o acervo digitalizado estaria disponível para o público.

Figura 1 - Imagem da coleção Assis Chateaubriand do MASP do Google Arts & Culture



Fonte: Site do Museu de Arte de São Paulo (MASP).

Já Monique Batista Magaldi e Tereza Cristina Scheiner indicam que o termo Museu Virtual, no contexto do ano 2010 nos círculos de discussão da museologia por outros profissionais da área, estaria associado à ideia de um museu físico com páginas eletrônicas na Internet, ou seja, em que o site do museu providencia ao usuário acesso a informações gerais do museu, tais como: horário de funcionamento, localização do museu, breve histórico do museu, agendamento para visitas guiadas e, em alguns casos, tornar disponível o acervo do museu e; a outra associação seria de museus criados



exclusivamente na Internet como, por exemplo, o Museu da Pessoa (Magaldi; Scheiner, 2010).

Porém, ambas as autoras entendem que o Museu Virtual não se restringe a Internet. Podemos destacar, por exemplo, um Museu Virtual no qual não esteja restrito as experiências nos ambientes digitais da internet na dissertação de mestrado de Monique Batista Magaldi (2010) intitulado “Navegando no Museu Virtual: Um olhar sobre formas criativas de manifestação do fenômeno Museu”, onde a mesma defende a tese de que o Museu Temporário da Mudança Permanente (*Temporary Museum of Permanent Change* - TMPC) detém os elementos que caracterizam um Museu Virtual, pois, por exemplo, o museu não tem um endereço fixo, um acervo em um edifício e, neste caso, o museu é a própria cidade de *Salt Lake City* e suas mudanças através do tempo, ou seja, o Museu Temporário da Mudança Permanente é um museu em potência. Até o presente momento, o Museu Temporário da Mudança Permanente de *Salt Lake City* não demonstra evidências de que será físico como os museus tradicionais. E esta perspectiva de museu virtual é corroborada por Henriques (2018), quando a autora destaca que são museus virtuais aqueles que desenvolvem atividades relacionadas aos bens culturais, por meio das ações museológicas, e que não tenham um espaço físico, sendo o exemplo apresentado pela autora o Museu da Pessoa, como abordado por ela:

[...] os museus virtuais são aqueles que trabalham o patrimônio, através de ações museológicas, mas que não necessariamente têm suas portas abertas ao público em seu espaço físico. O Museu da Pessoa, por exemplo, é um museu que nasceu com a concepção de virtualidade antes mesmo do crescimento e proliferação da internet. (Henriques, 2018, p.63).

Os autores Schweibenz (1998) e Magaldi (2010), ainda, destacam a existência de outros termos de museus na Internet como: **museu eletrônico, museu digital, museu online, hipermuseu, webmuseu, cibermuseu**, no qual Monique Magaldi tenta caracterizar um por um, embora segundo a autora não haja um consenso terminológico no campo da museologia.

Sobre os termos de museus encontrados na Internet, mencionados acima, o que Monique Magaldi entende por **museu eletrônico** pode ser definido como todos os museus que existem através de um aparelho ou sistema eletrônico, como sublinhado pela mesma ao definir:

O museu eletrônico poderia ser compreendido como abrangendo todos os museus que existem por meio de aparelhos eletrônicos, ou tudo o que possui um sistema baseado nas experiências com eletricidade sendo, por isso, associados aos museus virtuais, em meio eletrônico. (Magaldi, 2010, p. 102).

Esta definição, como pontuado pela autora, estaria estreitamente associada com o que muitos entendem ser o museu virtual, embora Magaldi (2010) não interprete desta maneira.

Quanto ao conceito de **museu digital**, nós podemos dizer que o **museu digital** é um museu constituído por meio de códigos computacionais, como estabelecido por Magaldi:

Museu Digital – A estruturação de um museu virtual parte do princípio que, para ser compreendido pelo computador (esteja ele armazenado no HD, em CD – ROM, DVDs, Pendrives, etc), este tipo de museu deve estruturar-se a partir de códigos computacionais (Magaldi, 2015, p. 499)

Neste sentido, estes museus, portanto, são baseados em cálculos computacionais, para sua estruturação ou programação, e algo fechado, em uma perspectiva conceitual, que é contrário ao que seria virtual (Magaldi, 2015).

O **museu online**, por outro lado, é um museu conectado em algum sistema de conexão, como a Internet, corroborado por Magaldi quando a autora define o **museu online** da seguinte maneira:

Museu online seria, assim, uma categoria de museu baseado em um sistema de conexão. Hoje, as conexões são estabelecidas via rede conectada à Grande Rede Mundial de Computadores. Estas conexões podem ser realizadas via telefonia, geralmente baseadas em um sistema de cabos de rede eletrônicos (transferência de dados através de elétrons); ou via cabos de fibra óptica, estruturados em um sistema fotônico (transferência de dados através de luz). Mas existe também a conexão baseada em ondas de rádio - radiações eletromagnéticas, baseadas em ondas eletromagnéticas, cuja frequência estão na faixa de 30Mhz a 3Ghz. (Magaldi, 2010, p. 103 - 104).

Para acessar a *World Wide Web* (Rede Mundial de Computadores), o meio pelo qual se estabelece uma conexão com a Internet, é necessário ter pelo menos uma conexão via telefonia, cabos de fibra óptica ou por ondas de rádio.

Agora, o conceito de **hipermuseu** é uma tipologia de museu disponível por meio de um visor, onde terá como possibilidades de interação, conexão e acesso aos links, a partir do que é expressado por Magaldi (2010), quando a autora diz que o “Hiper-museu poderia ser entendido como uma tipologia de museu acessível em um visor, com possibilidades de conexão, links, com grande interatividade” (Magaldi, 2010, p. 102). Este tipo de museu, assim como muitos citados aqui, podem vir à existência por meio dos computadores, celulares e outros com acesso a uma rede de computadores.

A definição de **webmuseu** é um museu na *World Wide Web* (Rede Mundial de Computadores) que comporta imagens, áudio, vídeo e texto, como bem colocado por

Magaldi (2015) ao dizer que o **webmuseu** é o “Museu existente na web ou www. E que pode contar com textos, imagens, arquivos de áudio e vídeo, além de ligações com outros documentos na rede” (Magaldi, 2015, p. 499).

O conceito de **cibermuseu** é uma tipologia de museu exibido na Internet ou por meio dos computadores, como estabelecido por Magaldi (2010) ao estabelecer que sobre o **cibermuseu**:

No Merriam-Webster’s Online Dictionary, o termo Ciber seria relativo ao que envolve computadores ou redes de computadores. Em um primeiro momento, poderíamos dizer que Cibermuseu seria uma tipologia de museu existente na Internet ou que se manifesta através do computador (Magaldi, 2010, p. 103 - 104).

Logo, este tipo de museu só pode ser concebido, praticado e exposto por meio da Internet ou através dos computadores, celulares e outros, cujo acesso a Internet é uma possibilidade.

Assim, podemos a partir destas definições dizer que o entendimento de uma exposição virtual, a qual mencionamos na definição de exposição, de fato não é necessariamente o mesmo que estar restrito somente ao contexto de ambientes digitais, mas há a possibilidade de uma exposição virtual fora da Internet, como o Museu Temporário da Mudança Permanente descrito por Monique Magaldi. Com efeito, designar as experiências de exposições na Internet de Ciberexposições ou Exposições Digitais é coerente com as definições propostas por Magaldi (2010), à medida que os museus expõem sua coleção na Internet. Salientamos, porém, que a construção conceitual destes termos ainda está em aberto, tal como apresentado por Magaldi e Scheiner (2010), o que significa que alguns autores ainda se utilizarão do termo Exposição Virtual para se referir às experiências na Internet.

## 2 EXPOSIÇÃO VIRTUAL [DES]MUNDO

### 2.1 PRÉ-PROJETO DA EXPOSIÇÃO VIRTUAL [DES]MUNDO

O Projeto da Exposição Virtual [Des]mundo desenvolvido em 2020 - 2021, foi um projeto de extensão vinculado ao MuseologiaLab promovido pelo curso de Museologia da Faculdade da Ciência da Informação (FCI), da Universidade de Brasília (UnB). Este projeto fora produzido no contexto da crise sanitária causada pelo SARS-CoV-2, chamado popularmente de COVID – 19, com início em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan (China), e teve sua continuação em 2020 - 2021 em escala global. No Brasil, o número de casos acumulados relacionados à doença, segundo o estudo feito pela Fundação Oswaldo Cruz<sup>12</sup> (Fiocruz), chegou a mais de 7,5 milhões além de outros milhares números de incidência.

Em 2021, o número de casos permaneceu alarmante em todo mundo, sendo o Brasil o 3º em número de casos do mundo de acordo com o estudo realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)<sup>13</sup>. Entrementes, tivemos a implementação temporária e prolongada de políticas públicas de prevenção nas esferas federal, estadual e municipal, durante o mesmo período, sendo uma das políticas adotadas o isolamento ou distanciamento social.

Assim, foi neste contexto, como já dissemos, que o grupo da Exposição Virtual [Des]mundo<sup>14</sup> surgiu. Um grupo foi formado, neste sentido, em meio a estas condições para estruturar esta exposição de modo a refletir sobre as mudanças trazidas através desta nova realidade, na qual os indivíduos estavam sujeitos a modificar alguns de seus hábitos em prol de um novo ordenamento da sociedade frente à crise sanitária cujo

---

<sup>12</sup> Estudo feito pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-analisa-registro-de-obitos-por-covid-19-em-2020>.

<sup>13</sup> Estudo do número de casos e de óbitos no mundo por COVID – 19, desenvolvido pela OCDE. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/coronavirus/casos-no-mundo/>.

<sup>14</sup> A Exposição Virtual [Des]mundo está disponível em: <https://museologiavirtual.unirio.br/desmundo/>. Acesso em: 21 Jun. 2024.

objetivo era a preservação da vida e a sobrevivência, sendo esta a justificativa do projeto. Desse modo, a pergunta que motivou o grupo foi: quais seriam as possibilidades de ressignificação das interações cotidianas que podemos identificar em nossas vidas a partir do isolamento social vivido? Portanto, o método utilizado para a construção deste projeto, do ponto de vista do acervo, foi o da coleta de fotografias, vídeos, obras de arte (várias tipologias) documentadas em fotografias, poemas e arte digital. O público para o qual o projeto esteve voltado foi a comunidade acadêmica (professores, estudantes e os profissionais técnico/administrativo) e a comunidade externa à universidade. (Projeto da Exposição virtual [Des]mundo, 2021).

O objetivo geral do projeto estabelecido pelo grupo era promover reflexões sobre o período de isolamento social resultante da Pandemia do COVID – 19, a partir de uma nova visão de mundo (Projeto da Exposição virtual [Des]mundo, 2021). Em outras palavras, o objetivo, então, foi refletir sobre o impacto da pandemia do coronavírus, o qual designou novas formas de percepções e de relações sociais, culturais e interpessoais. O que antes eram tarefas rotineiras feitas, em primeiro lugar, na esfera particular e, em segundo lugar, na esfera pública, com a recomendação mundial de isolamento, transformaram-se em nostalgia e o pulsar de uma dinâmica altamente virtual.

Nesta etapa da pesquisa, então, apresentaremos os dados coletados através das aplicações de questionários ao grupo responsável pela formulação do projeto sobre as condições que o levaram à sua concepção, planejamento, organização, execução e avaliação. Tal como expresso anteriormente, nós aplicamos uma série de questionários abertos para melhor entender a construção do projeto, bem como abordarmos algumas questões do ponto de vista conceitual da Museologia, no tocante à virtualidade e sobre os processos museológicos. Neste sentido, trataremos dos resultados desta pesquisa e seus desdobramentos.

O grupo responsável pelo projeto contou com 13 pessoas (10 estudantes, 2 profissionais da Museologia e a coordenadora), cujo trabalho esteve diretamente relacionado à construção da Exposição Virtual [Des]mundo. No que diz respeito às 13 pessoas, estas se dividiram em áreas de trabalho que proporcionaram a criação são elas: Documentação e Acervo (4 pessoas), Comunicação e Identidade Visual (3 pessoas), Ações educativas e culturais (2 pessoas) e Educativo (3 pessoas). Estas 12 pessoas

foram orientadas pela coordenadora do Projeto Virtual [Des]mundo, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Monique Magaldi, como apresentado no Quadro 2, abaixo.

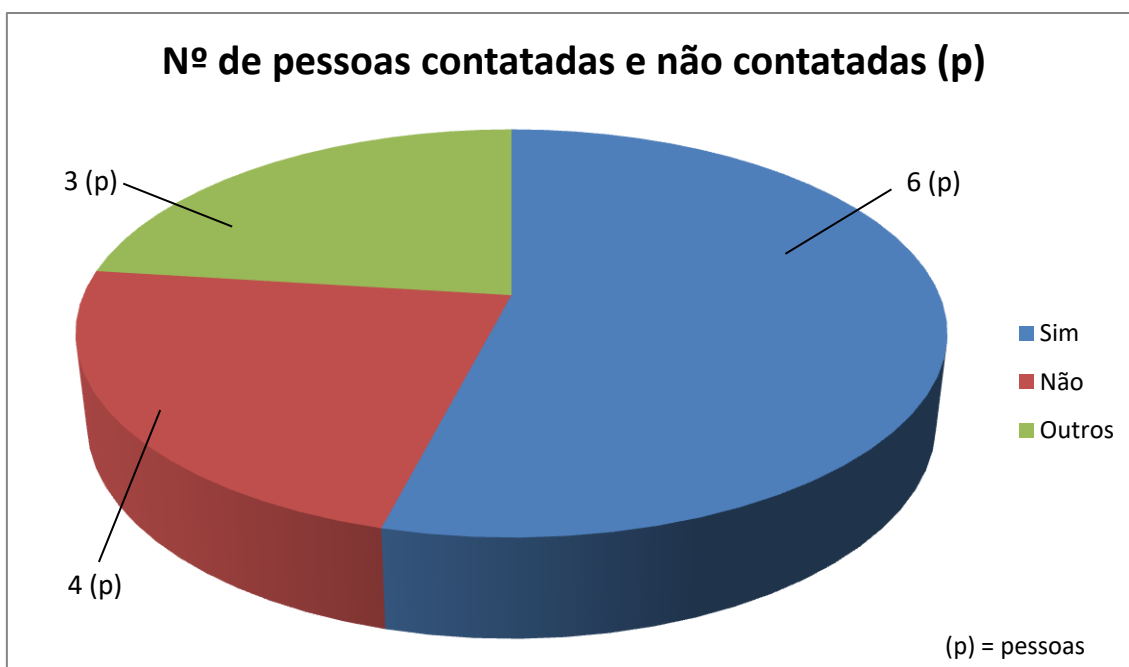
Quadro 1 - Áreas de trabalho e número de integrantes do projeto.

	Área de trabalho	Nº de integrantes
<b>Exposição Virtual [Des]mundo</b>	Documentação e Acervo	4
	Comunicação e Identidade Visual	3
	Ações Educativas e Culturais	2
	Educativo	3
	Coordenação	1
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>13</b>

Fonte: Autorial Própria

Dentre este grupo de pessoas, nós obtivemos contato com 13 dos participantes do projeto sendo que: enviamos mensagem para quatro pessoas, mas três pessoas nos contataram para sua participação do grupo de Documentação e Acervo (  $\frac{3}{4}$  de pessoas), enviamos, também, mensagem para os três integrantes do grupo de Comunicação e Identidade Visual, todavia uma pessoa confirmou a sua participação do grupo de Comunicação e Identidade Visual (  $\frac{1}{3}$  de pessoas), contatamos, ainda, os dois integrantes do grupo de Ações Educativas e Culturais, mas obtivemos o retorno somente de um dos membros do grupo das Ações Educativas e Culturais confirmando sua participação (  $\frac{1}{2}$  de pessoas), embora tenhamos contatado os membros do Educativo, nenhum dos integrantes nos contataram do grupo do Educativo (  $\frac{0}{3}$  de pessoas) e, por fim, contatamos a Coordenadora do projeto, a qual assentiu com nossa proposta. Ainda há distinções do grupo de pessoas que não responderam, porque, em alguns casos, nós obtivemos contato e, em outros, não. Pois, os dados de contatos destas pessoas estavam incorretos inviabilizando o contato. Neste sentido, a porcentagem do número de pessoas às quais nós enviamos uma mensagem e obtivemos resposta foi  $\frac{6}{13}$  (46%), o número de pessoas que nós contatamos e não obtivemos resposta foi  $\frac{4}{13}$  (30%) e o número de pessoas de que não dispúnhamos de informações suficientes foi  $\frac{3}{13}$  (23%).

Gráfico 1 - Distribuição do nº de pessoas contatadas e não contatadas.

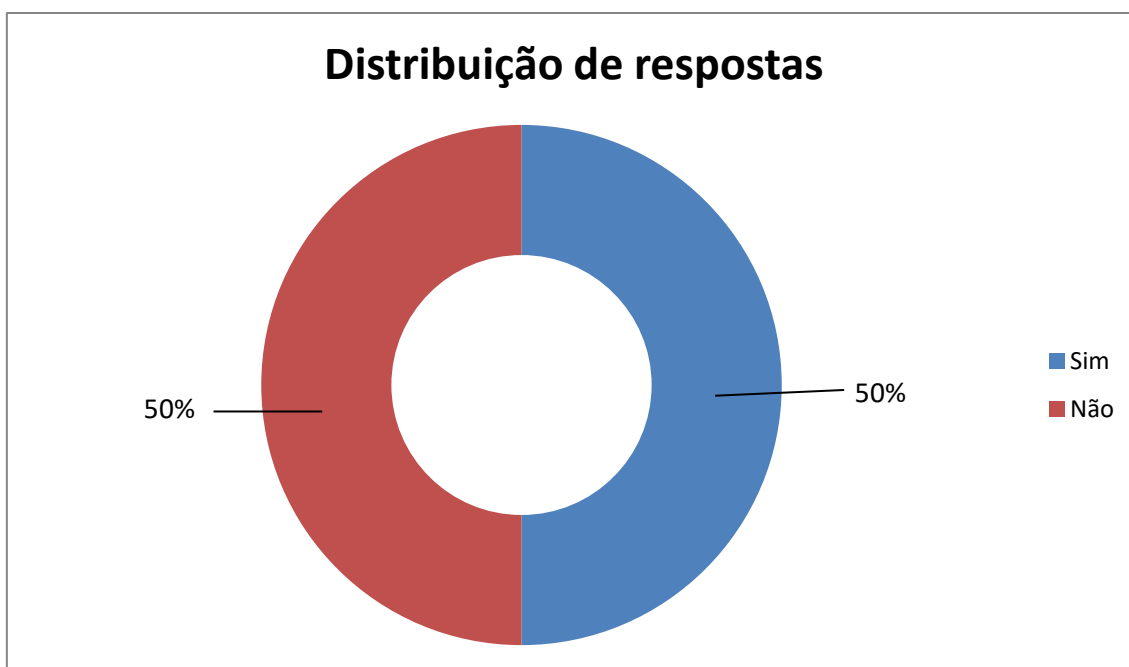


Fonte: Autoria própria.

As perguntas do questionário foram elaboradas em conformidade com cada área do projeto da Exposição Virtual [Des]mundo. Neste sentido, fizemos perguntas pertinentes para a coordenadora e os demais que contribuíram com o projeto da exposição sobre a metodologia utilizada pelos integrantes do projeto para a construção da Exposição Virtual [Des]mundo e sua relação com o conceito relativo à virtualidade e se houve o uso do processo museológico.

Do número de pessoas contatadas e dos quais responderam aos questionários, três pessoas das seis (3/6 das pessoas) que responderam ao questionário desenvolvido por nós. Portanto, 3/6 das pessoas (50%) responderam, enquanto 3/6 das pessoas (50%) não responderam ao questionário, como observado no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Distribuição das respostas e não respostas ao questionário.



Fonte: Autoria própria.

Dito isso, as respostas coletadas elucidam esta etapa preliminar da construção do projeto, bem como em qual categoria a exposição se enquadraria, do tipo terminológico que ele adota e se houve a presença do tratamento museológico, do qual tratamos no capítulo anterior, com o processo de preservação, pesquisa e comunicação. Segundo a coordenadora do projeto da Exposição Virtual [Des]mundo Monique Magaldi, o projeto vem em meio ao período da pandemia do COVID-19, em 2021. Este projeto, de acordo com a professora contou com a participação de estudantes e docentes da Universidade de Brasília (UnB), sendo o primeiro projeto de exposição digital desenvolvido no Curso de Museologia da Universidade de Brasília (UnB), da Faculdade de Ciência da Informação (FCI).

O projeto da Exposição Virtual [Des]mundo, tal como exposto pela coordenadora do projeto, foi construído no seio do projeto de extensão Museologia Virtual da Universidade de Brasília do Curso de Museologia. Porém, o projeto, antes gerido pelo Curso de Museologia da Universidade de Brasília, passou agora, a ser administrado pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), desde o ano de 2023 até o presente momento. Um dos motivos pelos quais houve a referida transferência foi o intuito de preservação do projeto, bem como a atualização, no tocante às atividades relacionadas ao educativo, trazendo novas ações educativas.

Para este projeto, como já dissemos, o grupo contou com a presença de discentes e docentes voluntários. De acordo com a coordenadora, o projeto foi construído e



submetido quando da abertura do edital anual do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília. Dentre o grupo de voluntários do projeto da Exposição Virtual [Des]mundo somente um dos membros do projeto estava na categoria de bolsista, enquanto os demais estavam na categoria de voluntários. Destacamos, assim, neste quesito o fato de a coordenadora utilizar as redes sociais para a divulgação do projeto e para o acesso e seleção dos alunos, tal como pontuado por uma das integrantes do grupo. Tivemos, também, o ingresso de duas servidoras do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) nas ações educativas e culturais do projeto, convidadas pela coordenadora.

A coordenadora salienta também, quando questionada sobre o que seria uma exposição virtual e sua relação com projeto, que há três maneiras de entender esta questão. A primeira maneira está ligada ao conceito estabelecido por Pierre Lévy, no qual o sentido de virtual seria o vir a ser ou algo em potência. A segunda maneira seria a definição corrente da sociedade ou o senso comum de ser algo falso ou ilusório. A terceira maneira seria o virtual estar associado à rede de computadores e a Internet. A mesma aponta ainda, porém, que o virtual não está restrito aos ambientes digitais e à rede de computadores, convidando as pessoas que se interessam sobre o tema a lerem “O que é Virtual?” de Pierre Lévy (1996), obra basilar sobre o conteúdo relativo à virtualidade. Os integrantes do grupo definem que “exposição virtual” seria as exposições onde há a dependência das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) em um sentido prático e no sentido teórico uma maior capacidade de alcance, uma vez que as tecnologias proporcionariam o acesso e a relação de diversas linguagens possibilitando, assim, uma abertura para alternativas.

No tocante ao processo museológico, a perspectiva da coordenadora e dos integrantes do grupo entendem que houve o uso do processo museológico no projeto da Exposição Virtual [Des]mundo, no processo de musealização. A coordenadora do projeto responde que, no que concerne à pesquisa, o grupo estudou sobre o tema relacionado à pandemia utilizando livros, entrevistas e outros meios, até chegarem ao recorte da exposição sobre o isolamento social. Quanto à área da preservação, a coordenadora sublinha que foram feitos backups do site, para sanar um problema referente à falta de profissionais da área de TI (Tecnologia da Informação) no primeiro momento, sendo somente possível a contratação de profissionais de TI em etapas futuras do projeto. Foi, inclusive, constatado que para o processo de seleção e aquisição houve o pedido de autorização dos artistas responsáveis, houve participação de pessoas

que estiveram direta e indiretamente com o grupo, e a documentação e catalogação sendo estruturada no próprio site. Em relação à área da comunicação do projeto, foram realizadas ações relativas à expografia digital/ museografia digital, ações educativas e culturais feitas por meio de palestras e *workshops* no ambiente digital, promovidos com muita dificuldade, segundo a coordenadora, haja vista os desafios causados pela pandemia, trazendo, então, transtornos tanto para os docentes quanto para os discentes. O grupo contou ainda com pessoal especializado na área de acessibilidade na produção de parte de seus vídeos na tradução e interpretação em libras, disponibilizados e vinculados à Diretoria de Acessibilidade (DACES/DAC/UnB).

Sobre os problemas em relação ao site da Exposição Virtual [Des]mundo, estes só aconteceram quando do processo do desenvolvimento do projeto, tal como exposto pela coordenadora, pois não havia durante este período especialistas em TI. Porém, a coordenadora ressalta a presença de uma profissional em período posterior, contratada através de doações feitas pelos docentes. Pontuamos, no entanto, que o grupo de participante deste projeto não observou problemas relacionados às suas seções da Exposição Virtual [Des]mundo, tanto no grupo de Documentação e Acervo quanto o grupo de Ações Educativas e Culturais. Foi também observado que houve o processo de avaliação do projeto, no qual o grupo discutiu com artistas, especialistas em acessibilidade e palestrantes sobre o projeto, resultando na formulação de um relatório final.

No que diz respeito ao número de pessoas que acessaram a Exposição Virtual [Des]mundo, nos foi informado que não foi possível o recolhimento de tais informações. Embora hoje, como mencionado, tenha havido a transferência do projeto para a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) e com a implementação do *Google Analytics*, não há dados expressivos, pois o site ainda não foi oficialmente divulgado.

De acordo com a coordenadora, o projeto fora constituído para ser uma exposição temporária. Entretanto, à luz dos resultados obtidos pelo grupo, foi acordado pelo mesmo grupo estender o período de exposição. Ainda está sendo discutido se o projeto ganhará o status de exposição de longa duração, pois tem sido desenvolvidas, conceitualmente, atividades a serem acrescentadas no projeto.

## 2.2 A EXPOSIÇÃO VIRTUAL [DES]MUNDO

A Exposição Virtual [Des]mundo apresentada ao público em 2021, se propõe a refletir em diversos aspectos as condições específicas do indivíduo, seja por seus privilégios, seja por suas vulnerabilidades e meios de se reinventar, através do veículo da arte, no contexto da crise sanitária do COVID – 19, tal como nos foi descrito no módulo “Apresentação” . A exposição conta com 6 módulos disponíveis para a apreciação do conteúdo, sendo estes módulos: a. Espelhos; b. Ressonâncias; c. Inumeráveis; d. Outras palavras; e. Olhar para si; f. Educativo, tendo também o campo da Apresentação e dos Créditos como o primeiro e último módulo, apresentados, respectivamente, na Figura 2.

Figura 2 - Página inicial da Exposição Virtual [Des]mundo e seus módulos.



Fonte: Site da Exposição Virtual [Des]mundo.

A quantidade de objetos dos seguintes módulos são: a. Espelhos (com 11 obras); b. Ressonâncias (com 13 obras); c. Inumeráveis (com 10 obras); d. Outras Palavras (com 2 obras); e. Olhar para si (com 1 obra), somando 37 obras presentes na Exposição Virtual [Des]mundo, como demonstrados no Quadro 3.

Quadro 2 - Os módulos e a quantidade dos objetos da Exposição Virtual [Des]mundo.

	Módulos	Nome	Nº de objetos (obras)
<b>Exposição Virtual [Des]mundo</b>	a	Espelhos	11
	b	Ressonâncias	13
	c	Inumeráveis	10
	d	Outras Palavras	2

	e	Olhar para si	1
<b>Total</b>	5	5	37

Fonte: Autoria própria.

A tipologia de objetos presente na Exposição Virtual [Des]mundo varia entre imagens e vídeos. A distribuição das imagens e vídeos são as seguintes: 1º Módulo (Imagem: 8 / Vídeo: 3); 2º Módulo (Imagem: 13 / Vídeo: 0); 3º Módulo (Imagem: 0 / Vídeo: 10); 4º Módulo (Imagem: 0 / Vídeo: 2) e; 5º Módulo (Imagem: 0 / Vídeo: 1), apresentado no Quadro 4.

Quadro 3 - Distribuição de Imagem/Vídeo nos módulos da exposição.

	<b>Módulo</b>	<b>Nome</b>	<b>Imagem</b>	<b>Vídeo</b>	<b>Soma</b>
<b>Exposição Virtual [Des]mundo</b>	1	Espelhos	8	3	11
	2	Ressonâncias	13	0	13
	3	Inumeráveis	0	10	10
	4	Outras palavras	0	2	2
	5	Olhar para si	0	1	1
<b>Total</b>	5	5	21	16	37

Fonte: Autoria própria.

Assim, observamos que esta distribuição da Exposição Virtual [Des]mundo teve uma predileção pelo uso da imagem, para apresentação dos temas específicos de cada módulo. Desse modo, nós iremos avaliar as proposições de cada um dos módulos citados anteriormente para melhor entendermos as bases da exposição.

### 2.2.1 Módulo 1 – Espelhos

O primeiro módulo denominado de Espelhos nos apresenta a tese do “novo normal” no qual as obras sublinham a nossa relação com o tempo, de forma a destacar como as coisas eram e não como as coisas são, bem como reflexões sobre o existir no

contexto das medidas restritivas referentes ao isolamento social ocasionada pelo COVID – 19.

Figura 3 - Vídeo de Zé de Rocha chamado Fôlego.



Fonte: Site da Exposição Virtual [Des]mundo.

As obras expostas neste primeiro módulo são: Fôlego, Curva, Estou sempre revisitando memórias para enxergá-las sob um novo ângulo, Plantasia, Precipício, Habitar-me, Início de Expediente, Trânsitos, Carentena, Saudade de olhar olhares e Arapucas semânticas. Como já expressei, este módulo contém 11 objetos, dos quais 8 são imagens e apenas 3 são vídeos, tal como apresentado no Quadro 5.

Quadro 4 - Distribuição dos objetos (obras) no módulo 1.

	<b>Obra</b>	<b>Imagem</b>	<b>Vídeo</b>
<b>Exposição Virtual [Des]mundo</b>	Fôlego		x
	Curva		x
	Estou sempre revisitando memórias para enxergá-las sob um novo ângulo	x	
	Plantasia	x	
	Precipício	x	
	Habitar-me	x	
	Início de Expediente	x	
	Trânsitos	x	
	Carentena	x	
	Saudade de olhar olhares	x	
	Arapucas semânticas		
<b>Total</b>	11	8	3

Fonte: Autoria própria.

Este módulo conta com diversos artistas e ilustradores, sendo eles: José Raimundo Magalhães Rocha, Jan M. O. , Louise Nunes, Laura Ferré, Zé Marcelo, Isadora Hernandez, Luíza Schilling, Sabrina Castro, Jonathan Souza, Beatriz Petrolino e Wagner Barja.

O artista José Raimundo Magalhães Rocha, cujo nome artístico é Zé de Rocha, é professor formado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em Artes Visuais. Seu trabalho, recentemente, tem se focado na pesquisa e prática com a animação com areia, técnica esta empregada na obra Fôlego deste módulo.

Figura 4 - Fotografia com readymades de Zé Marcelo chamado de Precipício.



Fonte: Site da Exposição Virtual [Des]mundo.

No que diz respeito às obras, há uma variedade de técnicas empregadas neste ambiente digital como vídeo animação (manipulação de areia), vídeo, tinta acrílica e pintura digital, fotografia de *readymades*, ilustração digital, ilustração vetorial (*Adobe Illustrator*) e vídeo-arte. O projeto também contou com técnicas convencionais como acrílica sobre tela, bordado sobre algodão e grafite (lápiz grafite e esfuminho), por exemplo.

## 2.2.2 Módulo 2 – Ressonâncias

O segundo módulo chamado de Ressonâncias se propõe a refletir a nuance do simbolismo negro, como resultado da Diáspora de uma porção de grupos africanos para o Brasil, na preservação de uma cultura própria em sua ancestralidade, identidade, pertencimento e religiosidade, no contexto do isolamento social. Neste sentido, o módulo pretende pontuar como estes grupos desenvolvem uma narrativa própria cujo objetivo é resistir ao discurso vigente, de uma perspectiva eurocentrada.

Figura 5 - Obra “Respire” de Mariana Maia.



Fonte: Site da Exposição Virtual [Des]mundo.

As obras que nos são apresentadas no módulo dois são: Pequeno Ensaio sobre a Angústia, Respire, Medicinas, Um Corpo no Mundo, I-S-O-L-A-D-O-S, O Silêncio, Tem Pássaro Voando, A Chama da Fé, Caminho do Silêncio, Baile dos Mascarados (2018), Baile dos Mascarados (2019), Olhos de Oxalá e De quebrada na laje. Neste caso, as 13 obras são todas imagens (nenhum vídeo), como atesta o Quadro 6.

Quadro 5 - Distribuição das obras do 2º módulo.

	<b>Obra</b>	<b>Imagem</b>	<b>Vídeo</b>
<b>Exposição Virtual [Des]mundo</b>	Pequeno Ensaio sobre a Angústia	x	
	Respire	x	
	Medicinas		
	Um Corpo no Mundo	x	
	I-S-O-L-A-D-O-S	x	
	O Silêncio	x	
	Tem Pássaro Voando	x	
	A Chama da Fé	x	

	Caminho do Silêncio	x	
	Baile dos Mascarados (2018)	x	
	Baile dos Mascarados (2019)	x	
	Olhos de Oxalá	x	
	De quebrada na laje	x	
<b>Total</b>	13	13	0

Fonte: Autoria própria.

O segundo módulo tem os seguintes artistas: Marcos D'Sá, Mariana Maia, Mário Vasconcelos, Paulo Brito e Raquel Bacelar.

Figura 6 - Instalação de Paula Brito chamada de Tem Pássaro Voando.



Fonte: Site da Exposição Virtual [Des]mundo.



As técnicas presentes no segundo módulo, que são específicos do ambiente digital foram a fotoperformance (3 obras), fotografia digital (6 obras), e frames de vídeo. Já as técnicas do ambiente físico neste módulo foram o acrílico sobre tela (2 obras) e a instalação.

### 2.2.3 Módulo 3 – Inumeráveis

Neste terceiro módulo da Exposição Virtual [Des]mundo, o objetivo é mostrar e considerar os relatos relacionados aos profissionais da área da saúde, responsáveis pelo cuidado e tratamento daqueles acometidos pela doença causada pelo vírus SARS-CoV-2 (COVID-19), que também foram contaminados e não resistiram à doença. Os relatos são provenientes das cinco regiões da federação do Brasil. Estas histórias estão disponíveis no site de mesmo nome Inumeráveis, produzido pelo artista Edson Pavoni com a colaboração de jornalistas e outros voluntários.

Figura 7 - Relato sobre o enfermeiro Eduardo Nunes da Silva.



Fonte: Site da Exposição Virtual [Des]mundo.

O módulo nos apresenta 10 relatos, os quais são divididos em cinco regiões da federação (Nordeste, Norte, Sul, Sudeste e centro-oeste) e dois relatos por região. Assim sendo, nós contamos com: Nordeste (2 relatos), Norte (2 relatos), Sul (2 relatos), Sudeste (2 relatos) e Centro-Oeste (2 relatos), tal como representado no Quadro 7.

Quadro 6 - Distribuição dos relatos das 5 regiões do módulo Inumeráveis.

	<b>Obra</b>	<b>Vídeo</b>	
	<b>Exposição Virtual [Des]mundo</b>	Nordeste	Sr. Eduardo Nunes da Silva
Sr <sup>a</sup> Ana Romão			
Norte		Sr <sup>a</sup> Élide Maria dos Santos Pereira	
		Sr Danilo David Santos Silva	
Sul		Sr <sup>a</sup> Mara Rúbia Silva Caceres	
		Sr Geraldo Almeida	
Sudeste		Sr <sup>a</sup> Zilda Serafim da Silva Ribeirão	
		Sr <sup>a</sup> Maria Manoelina dos Santos	
Centro - Oeste		Sr Ciro Ricardo Pires de Castro	
		Sr <sup>a</sup> Viviane Rocha de Luiz	
<b>Total</b>		13	13

Fonte: Autoria própria.

Como mencionamos o artista responsável pela construção do site: “Inumeráveis” se chama Edson Pavoni, cujo trabalho está voltado para a intersecção da arte com a tecnologia. Em 2020, o artista decidiu desenvolver a obra “Memorial Inumerável”, cujo objetivo é contar a história das vítimas da pandemia, no contexto brasileiro. Assim, a exposição trabalha com estas histórias narradas em seu terceiro módulo, com enfoque nas histórias dos enfermeiros que faleceram em suas atividades profissionais.

Figura 8 - Relato sobre o Sr. Ciro Ricardo Pires de Castro.



Fonte: Site da Exposição Virtual [Des]mundo.

#### 2.2.4 Módulo 4 – Outras Palavras

O módulo quatro se propõe a destacar a importância e a proeminência obtida pela internet (mídias sociais, vídeos chamadas e outros), especialmente após as ações preventivas divulgadas e aplicadas pelo Estado no que concerne ao isolamento social. A partir desta perspectiva, muitas ações culturais foram projetadas e criadas durante este período para incentivar o consumo e fruição dessas atividades culturais. Assim, este módulo traz algumas poesias para a reflexão relacionados a este tempo no qual houve o isolamento social.

Figura 9 - Poesia chamada de Desaprender de Fabiana Motta.



Fonte: Site da Exposição Virtual [Des]mundo.

Os artistas colaboradores deste módulo são: Fabiana Motta e CnhorLua. Ambos produziram duas poesias, a primeira chamada Desaprender de Fabiana Motta e a segunda chamada de Sangue de autoria de CnhorLua, tal qual expresso no Quadro 8.

Quadro 7 - Distribuição das obras do módulo 4.

Exposição Virtual [Des]mundo	Autoria	Poesia
	Fabiana Motta	Desaprender
	CnhorLua	Sangue
Total	2	2

Fonte: Autoria própria.

Figura 10 - Poesia de CnhorLua chamada de Sangue.



Fonte: Site da Exposição Virtual [Des]mundo.

### 2.2.5 Módulo 5 – Olhar para si

O módulo 5 cujo tema é Olhar para si tem a proposta de ressaltar aspectos relacionados à esfera da saúde mental durante este período de pandemia resultante do SARS-CoV-2. Assim, o módulo traz para discussão deste tópico uma especialista da área de psicologia, para explicar meios para resistir incertezas, expectativas e outros fatores correlacionados à saúde mental.

Figura 11 - Entrevista com a psicóloga Larissa Polejack.



Fonte: Site da Exposição Virtual [Des]mundo.

A entrevista feita com a especialista Larissa Polejack, Diretora da Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária da Universidade de Brasília<sup>15</sup> (DASU/UnB), fora conduzida pelo grupo da Exposição Virtual [Des]mundo e cujo tema foi “Como manter a saúde mental na pandemia”. Neste sentido, a especialista pontua o trabalho da Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária da Universidade de Brasília (DASU/UnB), tendo sob sua responsabilidade quatro coordenações: Atenção Psicossocial (CoAP), Articulação de Redes para Prevenção e Promoção da Saúde (CoRedes), Articulação da Comunidade Educativa (CoEduca) e Atenção e Vigilância em Saúde (CoAVS). Sua missão é a coordenação de políticas e estratégias à atenção e à qualidade de vida da comunidade universitária. Realiza ações de preservação, promoção de saúde e atenção psicossocial. A atuação da DASU é intersetorial, visando a elaboração conjunta de boas práticas, a construção de redes de cuidado e a implementação dos princípios de uma Universidade Promotora de Saúde.

<sup>15</sup> A Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária da Universidade de Brasília disponibiliza sua missão em: [DASU/DAC - Quem somos \(unb.br\)](https://www.unb.br/dasu/dac). Acesso em: 15 mar. 2024.

## 2.2.6 Educativo

A seção do educativo foi dividida em três partes: conversa com a artista, cartazes e vídeos para as crianças. A primeira parte sobre a “conversa com a artista”, contando com as artistas Mariana Maia e Paula Brito, são dois vídeos nos quais as artistas se apresentam, contextualizam alguma de suas obras que compõe a exposição e o papel da arte em um momento tão distinto quanto foi este período do vírus SARS-CoV-2, chamado popularmente de COVID – 19.

Figura 12 - Vídeo de Paula Brito em Conversa com a artista.



Fonte: Site da Exposição Virtual [Des]mundo.

Os cartazes para a divulgação que estão presentes no educativo são ao todo quatro. Os cartazes são influências de diversos artistas como: Honoré-Victorin Daumier, Leonardo da Vinci, Edvard Munch e Vincent Van Gogh. As obras utilizadas destes artistas são: “- Here, Eudoxie, take my bear skin...” (Honoré-Victorin Daumier), Monalisa ou La Gioconda (Leonardo da Vinci), “O Grito” (Edvard Munch) e “The Bedroom” (Vicent Van Gogh), respectivamente.

As animações voltadas para as crianças são duas, uma relacionada às obras influenciadas pela Mona Lisa (La Gionconda) e a outra por Frida Kahlo. Em ambas as animações estão tratando dos cuidados relacionados à higienização e prevenção, no uso das máscaras e álcool em gel.

Figura 13 - Animação de Frida Kahlo voltada para o público infantil.



Fonte: Site da Exposição Virtual [Des]mundo.

### 2.3 AVALIAÇÃO DO PROJETO

Na etapa final do projeto, no que se refere à etapa de avaliação, como já exposto por nós anteriormente, o grupo responsável pelo projeto da Exposição Virtual [Des]mundo desenvolveu após o término uma etapa para a discussão e avaliação do projeto. Nesta etapa final do projeto, o grupo contou com os docentes, discentes e colaboradores do projeto para tal atividade.

A avaliação, então, foi feita através das rodas de conversas, *workshops* e reuniões com os professores, alunos e especialistas, para a preparação do relatório final do projeto da Exposição Virtual [Des]mundo. Ainda, neste contexto, foi implementado o *Google Analytics* para a verificação e coleta de dados do acesso dos usuários.

Lembramos, também, que sobre a questão a respeito de em qual categoria temporal o projeto se encaixaria, se seria de longa duração ou temporária, a exposição fora concebida para ser temporária. Entretanto, com os resultados obtidos ao longo do processo, o período de abertura se estendeu de modo que os responsáveis do projeto tiveram de reavaliar o seu status.



Assim, a coordenadora do projeto, responsável pela concepção e criação do mesmo, tem avaliado novas ações educativas, cujas atividades estariam voltadas para as escolas, e outras possibilidades no que diz respeito ao projeto. Desse modo, o projeto não é uma exposição de longa duração neste momento.

### 3 ANÁLISE DA EXPOSIÇÃO VIRTUAL [DES]MUNDO

O processo museológico dos objetos, segundo definido por Maria Célia Santos (1996), que passam pelo processo de preservação, pesquisa e comunicação, tal como exposto anteriormente, tem sua importância nessa construção narrativa do objeto para sua apresentação e ressignificação ao longo da “vida do objeto”, destacada por Stránský (1995) quanto ao processo de musealização, como já discutido. Destacamos também, neste trabalho, as definições dos museus virtuais e sua associação com a exposição virtual, sendo a exposição um dos elementos presentes na categoria da comunicação do processo museológico. Iremos, neste sentido, examinar a Exposição Virtual [Des]mundo à luz da categoria processo museológico (preservação, pesquisa e comunicação) articulada pelos autores: Maria Célia Teixeira Moura Santos (1996), Manuelina Maria Duarte Cândido (2014; 2019) e outros, com fins a responder nossa pergunta de pesquisa: Como operaram os processos museológicos da Exposição Virtual De[s]mundo realizada pela Universidade de Brasília em 2021?

#### 3.1 RESULTADOS NA PRESERVAÇÃO

A preservação tal como postulado pelo ICOM, no tocante aos Conceitos- Chave da Museologia, diz respeito a todos os procedimentos envolvidos na entrada e permanência dos objetos em museus como, por exemplo, as operações de aquisição, catalogação, acondicionamento, conservação e, se necessário for, a restauração dos objetos (Desvallées; Mairesse, 2013). É importante pontuar que este processo operacional, que se inicia na aquisição e tem sua finalização na conservação, é fundamental para quaisquer atividades referentes à construção da coleção do museu e estes amparados, delineados e definidos pela missão da instituição, tal como exposto por André Desvallées e François Mairesse (2013). Este modelo de preservação, no entanto, é fundamentado em uma perspectiva museal francesa, evidenciado pelos autores responsáveis pelo desenvolvimento deste conceito para o ICOM. Porém, a perspectiva museal brasileira no que concerne a preservação se distingue da abordagem

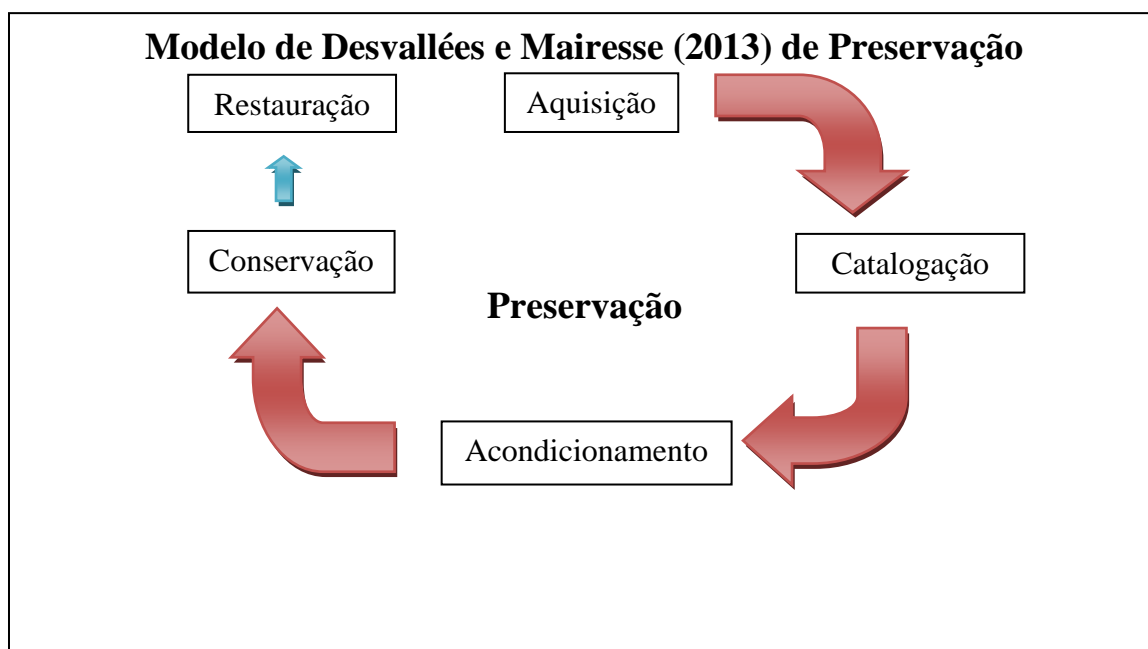
francesa, pois a abordagem brasileira está voltada para os aspectos físicos por meio das ações de preservação, conservação, restauração e conservação preventiva, como abordado por Lorete Mattos (apud Santos, 2010, p. 32 e 33), enquanto na perspectiva francesa de preservação os aspectos relacionados à seleção, aquisição, catalogação são contemplados, para além dos elementos presentes da prática brasileira.

A preservação, portanto, no contexto brasileiro é definido como todas as ações relacionadas à salvaguarda ou a recuperação do estado físico, cujo objetivo é garantir a permanência dos materiais (suportes) com informação (Mattos, 2007). Para Mattos (2007) a preservação seria um conceito “guarda-chuva” através do qual a conservação, restauração e conservação preventiva são abrigadas e manifestadas. A mesma define, também, que a conservação é o conjunto de operações que visam o aprimoramento do suporte físico, para este objeto ter a “vida prolongada” e ser usufruído pelas novas gerações. O conceito de restauração é uma intervenção direta sobre o objeto com o intuito de recuperar e trazê-lo ao estado mais próximo do original (Mattos, 2007). Sobre a conservação preventiva, a autora define que a conservação preventiva são as ações relacionadas às melhorias das condições ambientais internos da instituição, do controle nas áreas relativos a guarda dos objetos e o seu acondicionamento, segundo Mattos (2007).

Assim, podemos destacar que na concepção francesa de preservação, a aquisição é o mecanismo por meio do qual se agregam os objetos museais (patrimônio material e imaterial) através da sua entrada, sendo por meio da compra, transferência, coleta, doação e, em raras ocasiões nos museus, roubo e pilhagem, como explanado por André Desvallées e François Mairesse (2013). Com a inserção do objeto por meio da aquisição, a próxima etapa deste ciclo é o registro detalhado do objeto por meio do livro de registro ou catalogação, etapa esta relacionada à gestão do patrimônio que dará o estatuto de objeto museal. Ainda com relação à atividade da gestão dos objetos, nós temos o acondicionamento nas reservas técnicas e sua classificação como um meio de supervisão do objeto. E, por fim, nós temos a última etapa para a maioria dos objetos neste ciclo: a conservação. A etapa da conservação diz respeito aos meios de que os profissionais utilizam para desacelerar os processos naturais de decomposição do objeto, ou seja, um meio de diminuir as chances de alteração do objeto, para que este venha se manter para as próximas gerações (Desvallées; Mairesse, 2013). A restauração, elemento comumente aplicado em momentos específicos, diz respeito aos processos de

estabilização do objeto, quando o mesmo apresenta estágios avançados de descaracterização, necessitando, assim, de uma intervenção direta sobre o objeto. Podemos, portanto, dizer que as etapas resumidamente são: aquisição, inventário, acondicionamento, conservação e, em casos excepcionais, a restauração; uma vez que ao analisarmos cada um dos elementos que compõem este esquema, a entrada do inventário e a catalogação podem ser entendidas como o mesmo procedimento operacional.

Figura 14 - Modelo adaptado de Desvallées e Mairesse (2013) das etapas da preservação.



Fonte: Autoria própria.

Neste sentido, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Monique Magaldi, responsável pelo projeto da Exposição Virtual [Des]mundo e pela coordenação do grupo para a sua construção, e o grupo de documentação e acervo indica que os processos relacionados à preservação no contexto da exposição vieram com a pesquisa sobre o tema, para a partir daí fazer a seleção das imagens, artistas e entrevistas que iriam compor o acervo da exposição. Neste sentido, uma vez que o recorte temático foi estabelecido, então o grupo entrou para a etapa de seleção e aquisição dos 37 objetos, tal como apresentamos no capítulo anterior. A próxima etapa para o grupo foi a entrada dos objetos no inventário ou a sua catalogação, no qual a estrutura destes metadados foram distribuídos nos campos: Título, Artista, Técnica, Data e Proposta. Estes “objetos” digitais foram acondicionados em pastas digitais como as plataformas do *Google Drive* e congêneres para serem

salvaguardados na nuvem das mesmas plataformas. Também foi discutido sobre aspectos relacionados à segurança dos servidores digitais, sobre o quão seguro estes eram, sendo estes elementos relacionados à conservação, como apresentado no Quadro 9 o resumo das partes que constituem os processos de preservação.

Quadro 8 - Resumo dos processos de preservação de Desvallées e Mairesse no contexto da Exposição Virtual [Des]mundo

<b>Processos de Preservação em relação a Exposição Virtual [Des]mundo</b>	<b>Teve</b>	<b>Não teve</b>
<b>Seleção</b>	x	
<b>Aquisição</b>	x	
<b>Catálogo</b>	x	
<b>Acondicionamento</b>	x	
<b>Conservação</b>	x	

Fonte: Autoria própria.

Pontuamos, neste sentido, que sobre os aspectos relacionados à seleção, aquisição, catalogação, acondicionamento e a conservação foi observada, sendo estes adequados à realidade na qual estes estavam inseridos. Destacamos, portanto, que o princípio da preservação foi seguido, porém, a sua aplicação difere dos exemplos trabalhados pelos autores, pois o contexto em que estes elementos são desenvolvidos se circunscreve aos museus e exposições físicas ou em processos operacionais físicos como, por exemplo, a experiência descrita do processo museológico do Museu Didático-Comunitário de Itapuã<sup>16</sup> por Maria Célia Santos<sup>17</sup> (1996).

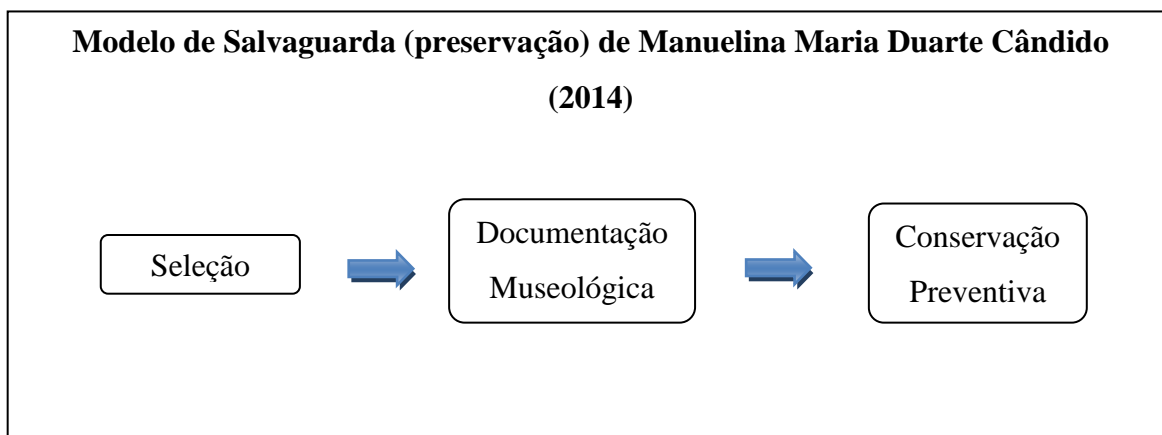
No tocante à estrutura apresentada por Manuelina Cândido (2014), observamos um padrão semelhante ao de Maria Célia Santos (1996) e ao modelo de Desvallées e Mairesse (2013), no que diz respeito ao processo museológico ou de musealização, embora o entendimento da mesma seja mais abrangente, pois a preservação engloba todo o processo de salvaguarda e comunicação, para além da abordagem classicamente utilizada nesta categoria. No caso apresentado por Manuelina Cândido (2014) de salvaguarda do patrimônio, que engloba a documentação museológica (catalogação ou inventário) e conservação preventiva, sendo este último um dos aspectos da

<sup>16</sup> O Museu Didático-Comunitário, situado no bairro de Itapuã (da Bahia), cujo trabalho iniciou em 1994 com os documentos do Colégio Lomanto Júnior, como o primeiro acervo do museu.

<sup>17</sup> Maria Célia Teixeira Moura Santos desenvolveu no ano de 1996 um trabalho conjunto com a comunidade para a musealização de parte do acervo do Museu Didático-Comunitário.

preservação. Porém, a mesma autora entende que o processo de musealização inicia com a seleção dos objetos, sendo estes avaliados sobre a perspectiva da missão da instituição para, a partir daí, dar prosseguimento ao estágio de salvaguarda, melhor resumido na figura 15.

Figura 15 - Modelo de Preservação de Manuelina Maria Duarte Cândido (2014).



Fonte: Autoria própria.

Como discutido, a coordenadora do projeto juntamente com o grupo de documentação e acervo seguiram os princípios de seleção e documentação museológica (catalogação e inventário). A conservação preventiva é o procedimento onde todas as medidas e ações são voltadas para a minimização e controle da deterioração de um objeto (ICOM-CC, 2008 a) e, neste sentido, dentro do conceito de conservação desenvolvido neste trabalho. Desse modo, podemos observar que o grupo segue também os princípios de salvaguarda do patrimônio de Manuelina Cândido (2014), como representado no Quadro 10.

Quadro 9 - Resumo do processo de salvaguarda de Cândido sobre a Exposição Virtual [Des]mundo.

<b>Processo de salvaguarda do patrimônio de Cândido (2014)</b>	<b>Teve</b>	<b>Não teve</b>
<b>Seleção</b>	x	
<b>Documentação museológica</b>	x	
<b>Conservação preventiva</b>	x	

Fonte: Autoria própria.

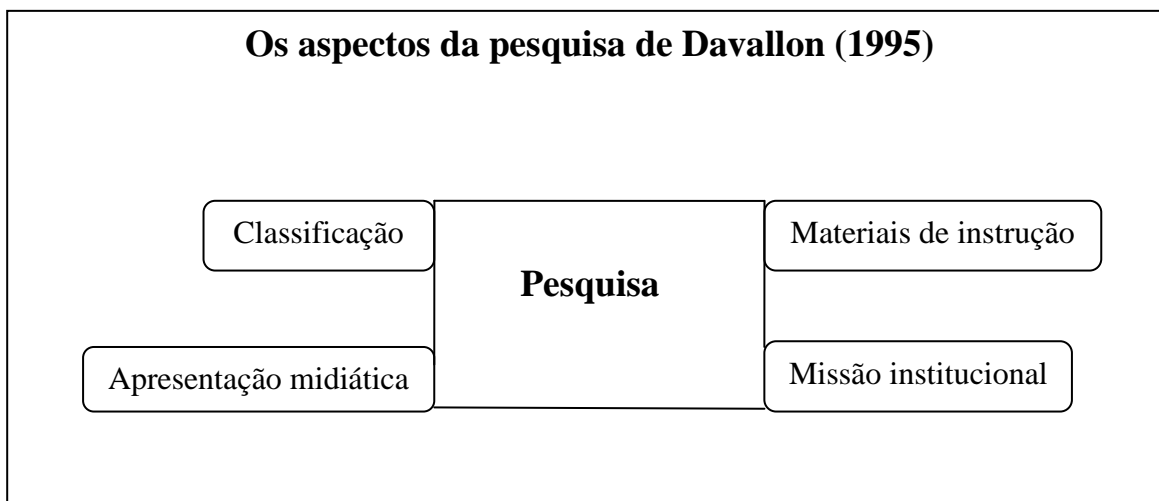
Desse modo, observamos que os princípios de preservação presentes nos trabalhos de Maria Célia Santos (1996), Desvallées e Mairesse (2013) e de Manuelina Cândido (2014), foram observados e aplicados no processo de construção da Exposição

Virtual [Des]mundo (2020-2021). Ressaltamos também a necessidade de adaptação do grupo nestes processos relacionados a preservação dos objetos, pois há uma distinção da preservação dos materiais físicos em contraste aos materiais digitais, embora os princípios referentes à preservação estejam presentes em ambos os casos.

### 3.2 RESULTADOS NA PESQUISA

A pesquisa, como discutido, é constituída pelo conjunto das atividades intelectuais desenvolvidas nas instituições, cujo objetivo é expandir os conhecimentos associados às coleções (Desvallées; Mairesse, 2013). Ainda no seio da pesquisa, Davallon (1995) indica que há quatro aspectos relacionados à pesquisa, sendo estes relacionados à classificação (catalogação), a materiais de instrução (materiais de gestão, manuais e normativas), a missão institucional e a sua apresentação aos veículos midiáticos (artigos, catálogos e outros), como apresentado na Figura 16.

Figura 16 - Os aspectos da pesquisa de Jean Davallon (1995).



Fonte: Autoria própria.

De acordo com Maria Célia Santos (1996), a área da pesquisa está relacionada, em suas experiências, ao assunto referente à classificação. A pesquisa, assim, teria um foco específico de estudo. Os estudos no sentido do contexto do Museu Didático-Comunitário de Itapuã não estavam dissociados da comunicação, uma vez que a construção do projeto contou com a participação dos estudantes de Museologia, dos

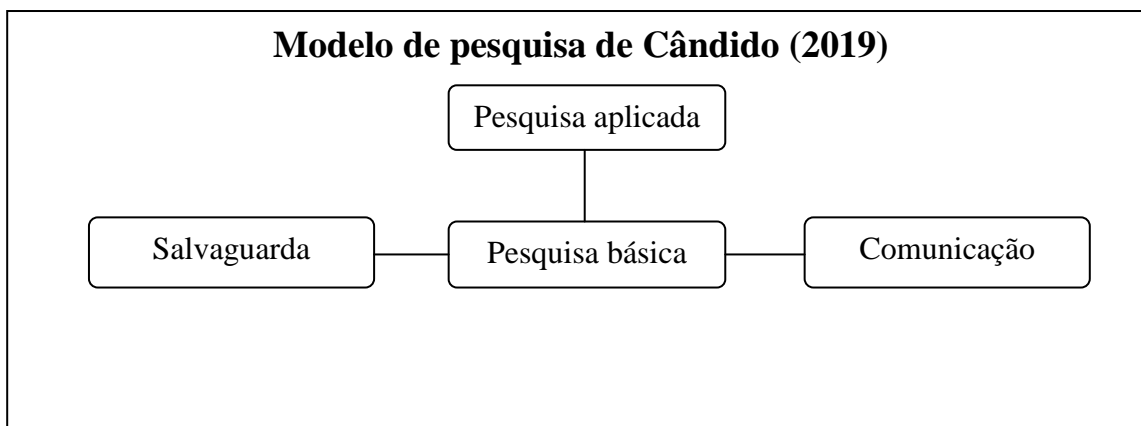
técnicos, professores da escola e moradores do bairro de Itapuã, no qual se situa a escola em questão, segundo a demonstração de Maria Célia Santos (1996).

A perspectiva de Manuelina Cândido (2019) é a que mais se destaca, pois a autora indica que há dois tipos de pesquisa: pesquisa museal e pesquisa museológica. De acordo com Manuelina Cândido, esta distinção é necessária, em razão da sobreposição de profissionais de outras matérias e esferas, tal como expressado pela mesma:

Sob o meu ponto de vista, a imprecisão sobre a existência destas diferentes pesquisas no museu é um dos fatores que tem levado a sobreposições entre profissionais de diferentes campos, ora com trabalhadores de outros campos imaginando prescindirem do pessoal da Museologia, ora o contrário, com pessoas com formação em Museologia entendendo que estão aptas a realizarem pesquisa em Antropologia, em Artes ou em História, entre outras (Cândido, 2019: 153-154).

Então, a autora se propõe a definir de forma mais acurada os termos para o melhor exercício profissional. Dessa forma, a autora nos informa que a pesquisa museal ou básica é aquela cujo estudo estaria relacionado à área específica do museu (classificação) em questão, relacionado às Artes, História e a outros tipos de museu; a pesquisa museológica ou aplicada seria o subsídio para as demais partes da cadeia, como descrito na figura abaixo.

Figura 17 - Modelo adequado de pesquisa de Cândido (2019).



Fonte: Autoria Própria.

O grupo e a coordenadora do projeto, os responsáveis pela Exposição Virtual [Des]mundo (2020-2021), explicitam que a pesquisa no âmbito do projeto se deu em duas instâncias: o recorte temático da exposição e a sua classificação. Como já apresentado, o grupo realizou uma série de estudos relacionados ao isolamento social e seus efeitos em grupos específicos da sociedade, sendo este o tema escolhido. No



segundo momento, o grupo realizou estudos para a catalogação dos objetos, sendo estes selecionados a partir do recorte temático.

Neste sentido, podemos observar que sob a lente de Davallon (1995), no tocante aos quatro aspectos da pesquisa, o grupo adotou a etapa da classificação. O projeto, no entanto, não adotou as perspectivas na promoção ou uso de materiais de instrução, missão institucional e sua apresentação midiática, podendo estes aspectos serem observados na Quadro abaixo.

Quadro 10 - Resumo da Exposição Virtual [Des]mundo sob os aspectos de Jean Davallon (1995).

<b>Exposição Virtual [Des]mundo sob os quatro aspectos da pesquisa de Davallon (1995)</b>	<b>Teve</b>	<b>Não teve</b>
<b>Classificação</b>	x	
<b>Materiais de instrução</b>		x
<b>Missão institucional</b>		x
<b>Apresentação midiática</b>		x

Fonte: Autoria própria.

Observamos, também, que na perspectiva de Maria Célia Santos (1996) a pesquisa teria o aspecto de classificação, presente no modelo de pesquisa de Davallon (1995), e a comunicação também estaria presente neste processo, de acordo com o que foi feito no contexto do Museu Didático-Comunitário de Itapuã. Como já abordado, o grupo se utilizou do aspecto da classificação e, em certo sentido, houve a participação dos artistas, docentes e discentes no projeto, porém não na etapa de pesquisa, de acordo com nossa pesquisa, tal como demonstrado no Quadro abaixo.

Quadro 11 - Resumo da Exposição Virtual [Des]mundo sob a visão de Maria Célia Santos.

<b>Exposição Virtual [Des]mundo sob a visão de pesquisa de Maria Célia Teixeira Moura Santos (1996)</b>	<b>Teve</b>	<b>Não teve</b>
<b>Classificação</b>	x	
<b>Comunicação</b>		x

Fonte: Autoria Própria.

Na visão de Manuelina Cândido (2019), onde ela distingue a pesquisa em duas vertentes: Aplicada e Básica; o grupo da Exposição Virtual [Des]mundo (2020-2021) adotou a pesquisa aplicada e básica, como podemos observar abaixo.

Quadro 12 - Resumo da Exposição Virtual [Des]mundo sob a visão de Manuelina Cândido.

<b>Exposição Virtual [Des]mundo sob a visão de pesquisa de Maria Célia Moura Santos (1996)</b>	<b>Teve</b>	<b>Não teve</b>
<b>Pesquisa aplicada</b>	x	
<b>Pesquisa básica</b>	x	

Fonte: Autoria Própria.

Podemos, assim, concluir que o grupo observou e adotou alguns dos aspectos da pesquisa desenvolvidos e/ou trabalhados pelos autores Davallon (1995), Cândido (2019) e Santos (1996). Neste sentido, a etapa da pesquisa do processo museológico foi adotada, embora não inteiramente sob a luz da definição dada pelos dos teóricos.

### 3.3 RESULTADOS NA COMUNICAÇÃO

Recordemos que a comunicação (C) opera através da vinculação de uma ou mais informações dos emissores (E) aos receptores (R), discutido por Lasswell (1948), sendo este o sentido geral da comunicação, tal como na Figura 18. Quando estes conceitos são aplicados no contexto dos museus há dois tipos de comunicação apresentados por André Desvallées e François Mairesse (2013) uma apresentação da pesquisa dos acervos por meio dos catálogos, artigos e outros e; através das exposições.

Figura 18 - Modelo adaptado da comunicação de Lasswell (1948).



Fonte: Autoria Própria.

A perspectiva de Maria Célia Santos (1996) sobre a comunicação é mais abrangente, sendo que a mesma caracteriza a comunicação em todo processo museológico no caso do Museu Didático-Comunitário de Itapuã, do que aspecto da exposição. Neste sentido, o trabalho desenvolvido demonstra a participação ativa não somente dos profissionais da museologia, mas, também, dos docentes e discentes de tal escola ou instituição.

Na visão de Manuelina Cândido (2019) a etapa da comunicação é desenvolvida e exercitada em duas esferas: na expografia e em ações educativo culturais. A atividade da expografia diz respeito às atividades relativas à prática das exposições. As ações educativo-culturais são os elementos que consistem nas atividades que aprofundam melhor o tema através de instrumentos comunicacionais específicos, o qual adicionará informações, irá sanar dúvidas e provocar a reflexão (Stradiotto, 2005).

O grupo e a coordenadora do projeto Exposição Virtual [Des]mundo nos informam que houve no âmbito da comunicação a realização das atividades expográficas e ações de cunho educativo cultural. Ressaltamos aqui que, no tocante às ações educativo-culturais, houve a execução de *workshops*, palestras, rodas de conversa e outras atividades neste projeto. Houve, também, o auxílio para tais atividades de profissionais capacitados na área de acessibilidade da Universidade de Brasília, fornecendo apoio técnico para que a comunicação tivesse maior abrangência.

O projeto da Exposição Virtual [Des]mundo (2020-2021) analisando a partir da perspectiva de Desvallées e Mairesse (2013) no tocante à comunicação engloba somente o aspecto da exposição. Os dados que obtivemos não permitem que possamos dizer que foram contemplados os aspectos relacionados à publicação dos materiais por meio de catálogos, artigos, conferências e outros. Portanto, concluímos que o grupo adotou somente um dos aspectos da comunicação, como exposto na figura abaixo.

Quadro 13 - Resumo da Exposição Virtual [Des]mundo sob a perspectiva de Desvallées e Mairesse (2013).

Exposição Virtual [Des]mundo sob a perspectiva da comunicação	Teve	Não teve
---	------	----------

<b>de Desvallées e Mairesse (2013)</b>		
<b>Publicação das pesquisas</b>		x
<b>Exposição</b>	x	

Fonte: Autoria Própria.

De acordo com as experiências de Maria Célia Santos (1996) no Museu Didático-Comunitário de Itapuã, o grupo da Exposição Virtual [Des]mundo (2020-2021) seguiu por um lado a exposição, mas por outro embora o grupo tenha apresentado evidências de comunicação entre os docentes e discentes com os artistas, não houve a participação do público em cada etapa do processo museológico diferentemente da experiência apresentada por Maria Célia Santos (1996). Desta forma, podemos concluir que houve o aspecto da exposição e a participação parcial nas etapas do processo museológico, como podemos observar na figura abaixo.

Quadro 17 – Resumo da Exposição Virtual [Des]mundo sob a visão de Maria Célia Teixeira Moura Santos (1996).

<b>Exposição Virtual [Des]mundo sob a perspectiva da comunicação de Maria Célia Teixeira Moura Santos (1996)</b>	<b>Teve</b>	<b>Não teve</b>
<b>Exposição</b>	x	
<b>Participação em todo processo museológico</b>	x	

Fonte: Autoria Própria.

A Exposição Virtual [Des]mundo (2020-2021) sob o crivo da categoria da comunicação trabalhada por Manuelina Cândido (2019), demonstra que o grupo adotou os elementos da expografia e ações educativo-culturais. O grupo fez a expografia por meio do site desenvolvido pelos colegas, enquanto as ações educativo-culturais se manifestaram por meio de *workshops*, palestras e outras atividades, cujo objetivo é trazer instrução, reflexão e novas informações para o indivíduo. O grupo, desta maneira, seguiu estes princípios na construção de sua exposição, como demonstrado na figura abaixo.

Quadro 14 - Resumo da Exposição Virtual [Des]mundo sob a visão de Manuelina Maria Duarte Cândido (2019).

<b>Exposição Virtual [Des]mundo sob a</b>	<b>Teve</b>	<b>Não teve</b>
---	-------------	-----------------

<b>perspectiva da comunicação de Manuelina Maria Duarte Cândido (2019)</b>		
<b>Expografia</b>	x	
<b>Ações Educativo Culturais</b>	x	

Fonte: Autoria Própria.

Logo, o trabalho desenvolvido pelo grupo responsável pela Exposição Virtual [Des]mundo (2020-2021) adotou os princípios de comunicação construído por Desvallées e Mairesse (2013), Manuelina Cândido (2019) e Maria Célia Santos (1996).

### 3.4 UMA REFLEXÃO SOBRE O TEMA

As experiências virtuais e digitais no contexto museal e museológico tais como a Exposição Virtual [Des]mundo (2020-2021), projeto desenvolvido pelos docentes e discentes da Universidade de Brasília, tem contribuído para o campo da Museologia, no tocante as nossas atividades operacionais relativas ao processo museal trazendo, assim, novas visões, perspectivas e reflexões sobre este processo. Este trabalho, como já dissemos, consiste neste processo de musealização (processo museológico), no qual estamos retirando um objeto de um contexto e o despojamos do seu significado ou sentido original para imbuirmos o mesmo objeto de outros sentidos e significados, o ressignificando (Stranský, 1995). A mudança do *status* de um objeto em objeto de museu ou *museália* vem através do processo museológico, ou seja, por meio das atividades ou ações de preservação, pesquisa e comunicação (Santos, 1996). Mas, no contexto virtual ou digital como a Exposição Virtual [Des]mundo (2020-2021), podemos dizer que houve a manifestação das atividades de preservação, pesquisa e comunicação (processo museológico)? Vejamos, então, no que consistem as atividades de preservação, pesquisa e comunicação.

O processo museológico é, como já dissemos e, segundo a definição fornecida por Maria Célia Santos (1996), importante expoente do conceito no solo brasileiro, o conjunto de atividades museais relativa às ações de preservação, pesquisa e comunicação. As ações de preservação como vimos com Desvallées e Mairesse (2013) são aqueles relativos ao processo de seleção, aquisição, catalogação (entrada no

inventário), acondicionamento, conservação e, em casos extremos, a restauração. Destacamos, também, que estes procedimentos foram aplicados pelo grupo, dentro da capacidade e princípios terminológicos abordados por nós. Mesmo sob a perspectiva mais expansiva, adotada por Manuelina Cândido (2014), no qual autora indica que a preservação se daria pelos procedimentos da cadeia operatória de salvaguarda e comunicação patrimonial o grupo contempla estes elementos em sua prática museal.

No que se refere à etapa da pesquisa vimos, também, que seu objetivo é o estudo dos testemunhos materiais (documental) dos seres humanos (Desvallées; Mairesse, 2013), cuja área se divide em quatro sub-áreas de estudo relacionadas à: classificação, materiais de instrução, missão institucional e à apresentação midiática, sendo essa a divisão feita por Jean Davallon (1995). Sendo assim, vimos como o grupo responsável pela Exposição Virtual [Des]mundo (2020-2021) se utilizou do aspecto referente à classificação, que diz respeito às operações de catalogação (inventariado), embora não tenha se detido nos demais aspectos. Observamos que o grupo fez uso, em algum sentido, da pesquisa básica e aplicada da qual Cândido (2019) trata em seu texto “A pesquisa em Museologia ou... por uma pesquisa adjetivada”, pois a pesquisa básica estaria relacionada ao estudo das diversas áreas do conhecimento (Artes, História e outros) com o propósito da classificação dos objetos, sendo a pesquisa aplicada aquela a dar subsídio para a pesquisa básica.

E, por fim, na etapa da comunicação observamos que comunicar é a ação de transmissão de uma informação, através de algum suporte, de um emissor a um receptor (Lasswell, 1948). Assim, no contexto dos museus a comunicação pode ser manifestada por meio da publicação de suas pesquisas (catálogos, artigos, congressos e outros) e, também, em suas exposições (Desvallées; Mairesse, 2013). O grupo da Exposição Virtual [Des]mundo (2020-2021) adotou o método principal: a exposição, como instrumento de comunicação. Porém, o grupo adotou uma comunicação participativa, em alguma capacidade, presente na experiência de Santos (1996) no Museu Didático-Comunitário de Itapuã e ações educativo-culturais, sendo este um dos elementos baseados no modelo de comunicação adotado por Cândido (2019).

Assim, baseado nas evidências e os dados disponibilizados pelos integrantes do grupo responsável pela Exposição Virtual [Des]mundo (2020-2021) e nos fundamentos teóricos e práticos desenvolvidos e estabelecidos por Cândido (2014; 2019), Desvallées e Mairesse (2013) e por Santos (1996), analisados e explorados até aqui, concluímos

que houve a aplicação do processo museológico no contexto da construção da Exposição Virtual [Des]mundo (2020-2021). Pontuamos ainda no tocante à exposição, que houve a necessidade de adequações ao longo do projeto para o meio virtual e digital, trazendo assim, neste aspecto, a importância de maiores estudos na área da museologia virtual em futuros trabalhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo aqui, à luz do campo da Museologia, foi apresentar a importância das ações de preservação, pesquisa e comunicação no projeto da Exposição Virtual [Des]mundo (2020-2021), cuja denominação deste processo nós chamamos de processo museológico, termo este desenvolvido por Maria Célia Teixeira Moura Santos (1996). Vimos, também, como os três autores elencados por nós, a saber, Candido (2014; 2019), Desvallées e Mairesse (2013) e Santos (1996) trabalham com cada uma dessas ações referentes ao processo museológico, sendo as ações de salvaguarda e comunicação, para as primeiras e; das ações de preservação, pesquisa e comunicação, para as últimas. Discutimos, ainda, como o processo museológico é imprescindível para a musealização de um objeto com fins de torná-lo um objeto de museu (*museália*) abordado por Zbyněk Stránský (1995), aspecto integral dos museus e objeto de estudo da Museologia.

Mencionamos, ainda, como o grupo desenvolveu suas atividades por meio da Internet, na construção da Exposição Virtual [Des]mundo. Ainda que o projeto tenha sido construído no ciberespaço, ou seja, neste não-lugar, tal como discutido por Rosali Henriques (2004), os elementos de preservação, pesquisa e comunicação presentes nos museus físicos são observados em ambientes digitais ou virtuais como a Exposição Virtual [Des]mundo.

A hipótese do processo museológico no curso da Exposição Virtual [Des]mundo se verifica ao trabalhar com a seleção, aquisição, inventário (livro de registro), acondicionamento e conservação, presentes tanto na perspectiva francesa de Desvallées e Mairesse (2013), quanto da visão brasileira de Santos (1996) nas ações de preservação. Embora o entendimento da preservação em Cândido tenha um escopo de ação maior compreendendo, assim, a cadeia operatória de salvaguarda e comunicação,

observamos na salvaguarda elementos similares presentes nos trabalhos dos outros dois autores, a saber, os elementos de documentação museológica (catalogação) e de conservação (conservação preventiva/ restauração).

Sobre as ações da pesquisa, vimos como o grupo optou por utilizar na construção da Exposição Virtual [Des]mundo o aspecto da classificação, dentre os quatro elencados por Jean Davallon (1995), sendo eles a classificação, materiais de instrução, missão institucional e à apresentação midiática. Em contrapartida, a perspectiva de Manuelina Cândido (2019) se distingue da pesquisa de Davallon (1995), pois a mesma defende que há duas formas de pesquisa, sendo elas a pesquisa aplicada e a outra a pesquisa básica. Embora a visão trabalhada por Cândido (2019), onde são contemplados os aspectos da salvaguarda e comunicação, a autora se distingue ao ampliar este processo de musealização adotado por Bruno (2008), Cury (2009) e outros autores, ao acrescentar neste esquema a pesquisa aplicada, o qual seria a base para as demais atividades, no qual está acima das ações de salvaguarda, a pesquisa básica e a comunicação, sendo este elementos também observados no processo da Exposição Virtual [Des]mundo.

As ações de comunicação envolvidas na Exposição Virtual [Des]mundo englobam, sobretudo, as atividades relacionadas à exposição, sendo um dos elementos discutidos por Desvallées e Mairesse (2013) os quais apontam que a comunicação relaciona-se com publicação acadêmica como, também, a exposição. Porém, como discutido o grupo também optou pela comunicação participativa presente no trabalho de Maria Célia Santos (1996), ainda que o grupo não tenha adotado tal abrangência encontrada no trabalho feito no contexto do Museu Didático-Comunitário.

Lembremos que em cada etapa do processo museológico (preservação, pesquisa e comunicação) o grupo adaptou o projeto à realidade na qual eles estavam inseridos, ou seja, dentro dos ambientes digitais ou virtuais. Porém, a luz do que foi discutido neste trabalho, levantamos algumas questões: a metodologia de musealização dos objetos, por meio das ações de preservação, pesquisa e comunicação, é a ferramenta apropriada para a realidade dos ambientes digitais e virtuais? Devemos à luz das novas pesquisas em ambientes virtuais e digitais reavaliar o conceito de cada uma das ações do processo museológico? Caso a perspectiva do usuário mude em ambientes virtuais de suas experiências nos museus físicos, como sugerido por Anna Leshchenko (2015), qual o impacto nas áreas de avaliação dos museus e quais os impactos para a Museologia?



Por fim, temos, ainda, muitas discussões no campo da Museologia a serem revisados, particularmente os conceitos relacionados aos ambientes digitais/virtuais, ou seja, devemos abordar com maior clareza os conceitos de museus virtuais, os museus digitais, os museus online, os hipermuseus, museus eletrônicos e cibermuseus, pois se estes conceitos se distinguem entre si, logo a relação entre o homem e sua realidade muda, uma vez que sua experiência é alterada. Assim, concluímos um futuro prolífico para a pesquisa museológica, os quais demandam maiores reflexões por parte dos profissionais e da academia.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Marcelo Mattos et al. **Mesa-Redonda de Santiago do Chile**, ICOM, 1972. 1999.
- BRASIL. Lei nº 11.906 de 14 de janeiro de 2009, **Cria o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/). Acesso em: 15 set. 2023.
- BRASIL. **Decreto 8124 de 17 de outubro de 2013**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/decreto/d8124.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d8124.htm). Acesso em: 14 set. 2023.
- BRULON SOARES, Bruno. Paisagens culturais e os patrimônios vividos: vislumbrando a descolonização, para uma musealização consciente. **Museologia e Patrimônio**, v. 10, n. 1, 2017.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira; FELIPINI, K (Org.). **Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento - Propostas e Reflexões Museológicas**. São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008. 210p.
- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Gestão de museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planejamento**. 2ª Edição. Porto Alegre: Editora Medianiz, 2014.
- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. A pesquisa em Museologia ou... por uma pesquisa adjetivada. **MUSEOLOGIA E SUAS INTERFACES CRÍTICAS**, p. 147. 2019. Disponível em: <https://orbi.uliege.be/bitstream/2268/239341/1/2019%20A%20pesquisa%20em%20Museologia%20ou%20por%20uma%20pesquisa%20adjetivada%20E-BOOK%20REDE%20MUSEOLOGIA%202019.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.
- CARVALHO, L. M. D.. O Comitê Internacional para a Museologia (ICOFOM/ICOM) e a relação de um coletivo internacional com os fundamentos, a disseminação e a consolidação de uma disciplina. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 30, p. e13, 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/273/27370435010/27370435010.pdf>. Acesso em: 15 set. 2023.
- CHAGAS, I. Aprendizagem não formal/formal das ciências: relações entre os museus de ciência e as escolas. **Revista de Educação**, v. 3, n. 1, p. 51-59, 1993.

- COSTA, Luciana Ferreira da. Institucionalização e a configuração atual da Formação em Museologia no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 25, p. 145-163, 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/pci/a/wYD5wjmj9GwYgNCZYjRyNkG/?lang=pt&utm\\_source=researcher\\_app&utm\\_medium=referral&utm\\_campaign=RESR\\_MRKT\\_Researcher\\_inbound](https://www.scielo.br/j/pci/a/wYD5wjmj9GwYgNCZYjRyNkG/?lang=pt&utm_source=researcher_app&utm_medium=referral&utm_campaign=RESR_MRKT_Researcher_inbound). Acesso em: 15 set. 2023 .
- CURY, Marília Xavier. Museologia, novas tendências. **Museu e museologias: interfaces e perspectivas**. Rio de Janeiro: MAST, v. 11, p. 25-41, 2009.
- DAVALLON, J. “Musée et muséologie. Introduction”, in **Musées et Recherche**, Anais da conferência realizada em Paris, em 29, 30 de novembro e 1 de dezembro de 1993, Dijon, OCIM. 1995.
- DAVALLON, Jean. A mediação: a comunicação em processo?. **Prisma. com**, n. 4, p. 4-37, 2007.
- DECEMBER, J. **What is Computer-mediated Communication?** (1996) Disponível em: <https://johndecember.com/john/study/cmc/what.html>
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assírio & Alvim. s/d. ed. original: 1972.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013. Disponível em: [https://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF\\_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf](https://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf). Acesso em: 15 Out. 2023.
- GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. **Boletim campineiro de Geografia**, v. 2, n. 3, p. 523-545, 2012.
- GUARNIERI, Waldisa Rússio. In: SYMPOSIUM COLLECTING TODAY FOR TOMORROW. Leiden: ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, 1984. p. 51-59. (ISS: ICOFOM STUDY SERIES, n. 6).
- HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **GEOgraphia**, v. 4, n. 7, p. 7-22, 2002.
- HENRIQUE, Rosali. **Memória, museologia e virtualidade: um estudo sobre o Museu da Pessoa**. 224f. Tese (Doutorado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa. 2004. Disponível em: <https://pesquisafacomufjf.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/06/memc3b3ria-museologia-e-virtualidade-um-estudo-sobre-o-museu-da-pessoa.pdf>. Acesso em: 15 out. 2023.

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. **Os museus virtuais: conceito e configurações**. 2018. Disponível em:

<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6337>.

Acesso em: 02 nov. 2023.

LASSWELL, H. “The Structure and Function of Communication in Society”, in Bryson L. (Ed.), **The Communication of Ideas**, Harper and Row. 1948.

LESHCHENKO, Anna. Digital dimensions of the museum: Defining cybermuseology’s subject of study. **ICOFOM Study Series**, v. 43, p. 237-241, 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Anna-Leshchenko/publication/311065086\\_Digital\\_Dimensions\\_of\\_the\\_Museum\\_Defining\\_Cybermuseology's\\_Subject\\_of\\_Study/links/583c910308ae3cb636559345/Digital-Dimensions-of-the-Museum-Defining-Cybermuseologys-Subject-of-Study.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Anna-Leshchenko/publication/311065086_Digital_Dimensions_of_the_Museum_Defining_Cybermuseology's_Subject_of_Study/links/583c910308ae3cb636559345/Digital-Dimensions-of-the-Museum-Defining-Cybermuseologys-Subject-of-Study.pdf).

Acesso em: 17 jun. 2024.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. 1. ed. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LÉVY, Pierre. A emergência do cyberspace e as mutações culturais. **Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, p. 12-20, 2000.

LIMA, D. F. C. **O que se pode denominar como Museu Virtual segundo os museus que assim se apresentam....** In: UFPB; ANCIB. (Org.). FREIRE, G. H. A. (Org.). A responsabilidade social da Ciência da Informação - ENANCIB 2009 (10) Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. 1 ed, João Pessoa: Ideia; ANCIB, 2009, v., p. 2451-2468.

LIMA, D. F. C.. **Museologia – Museu e patrimônio, patrimonialização e musealização: ambiência de comunhão**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, p. 31 – 50, jan. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/svpTW3fFQJQnYNJrMJwnMsx/?format=pdf>. Acesso em: 14 set. 2023.

LIMA, D. F. C. Musealização/patrimonialização no espaço eletrônico museu virtual. **Memória e Informação**, v. 3 n. 2, n. 2, p. 86-105, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/127407>. Acesso em: 14 set. 2023.

MAGALDI, Monique; SCHEINER, Tereza. **Reflexões sobre o museu virtual**. 2010.

MAGALDI, Monique B. Navegando no museu virtual. **Um olhar sobre formas criativas de manifestação do fenômeno Museu**, 2010. Disponível em: [https://www.unirio.br/ppg-pmus/monique\\_magaldi.pdf](https://www.unirio.br/ppg-pmus/monique_magaldi.pdf). Acesso em: 20 out. 2023.

MAGALDI, M. O Campo disciplinar da Museologia: as diferentes definições de museus eletrônicos e a sua relação com o virtual. In: **ANAIS DO II SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA**, 16- 20 nov. Recife. Anais... Recife: Fundação Joaquim Nabuco. 2015, p. 469 - 502.

MAGALDI, M. B. A UnB é um Museu? : Pensando possibilidades de musealização. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 9, n. Especial, p. 54–80, 2020. DOI: 10.26512/museologia.v9iEspecial.35362. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/35362>. Acesso em: 16 set. 2023.

MATTOS, Lorete. Lorete Mattos: entrevista [out. 2007]. Entrevistadoras: Carla Behling dos Santos; Poliana Sanchez de Araujo. Porto Alegre, 2007. Entrevista realizada na Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, concedida para o trabalho final da disciplina BIB – 03030 Planejamento em Sistemas de Informação.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcante de. **Organização e representação do conhecimento: fundamentos teóricos-metodológicos na busca e recuperação da informação em ambientes virtuais**. 2005. 351f. Tese (Doutorado) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.ridi.ibict.br/handle/123456789/690>. Acesso em: 15 nov. 2023.

MOUTINHO, Mário Caneva et al. **Declaração de Quebec: princípios de base de uma nova museologia**, 1984. 1999.

MUCHACHO, Rute. O Museu Virtual: as novas tecnologias e a reinvenção do espaço museológico. **Biblioteca online de ciências da comunicação**. PDF, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/muchachorute-museu-virtual>  
[novastecnologiasreinvencao-espaco-museologico](http://www.bocc.ubi.pt/pag/muchachorute-museu-virtual). Acesso em: .

PEREIRA, R. M. A. Gabinetes de curiosidades e os primórdios da ilustração científica. **Encontro de História da Arte**, Campinas, SP, n. 2, p. 407–413, 2006. DOI: 10.20396/eha.2.2006.3905. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/3905>. Acesso em: 31 ago. 2023.

POULOT, Dominique. **Museu e museologia**. Autêntica, 2013.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Processo Museológico e Educação: construindo um museu didático-comunitário**. 1996. Disponível em:

<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/24>. Acesso em: 22 set. 2023.

SARRAF, Viviane Panelli. Preservação, acesso e participação no patrimônio cultural: o legado teórico e empírico de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 71, p. 304-324, dez. 2018.

SCHWEIBENZ, Werner. The "Virtual Museum": New Perspectives For Museums to Present Objects and Information Using the Internet as a Knowledge Base and Communication System. Germany, 11, mai. 1998. Disponível em: [http://is.uni-sb.de/projekte/sonstige/museum/virtual\\_museum\\_isi98.html](http://is.uni-sb.de/projekte/sonstige/museum/virtual_museum_isi98.html).

SOARES, Bruno Brulon; MENEZES DE CARVALHO, Luciana; DE VASCONCELOS CRUZ, Henrique. UNIRIO: A Model of Evolving Museology Teaching in Brazil. **Museum International**, v. 68, n. 1-2, p. 29-42, 2016.

STRADIOTTO, Tariana Maici Souza. O que é museologia? 2005. Disponível em: <http://www.movimentodasartes.com.br/tariana/pop/050315a.htm>. Acesso em: 20 fev. 2024.

STRÁNSKÝ, ZBYNEK ZBYSLAV. **Museology as a science: a thesis**. 1979.

STRÁNSKÝ, Z. Z. Originaux contre substitutes. **Symposium originaux e objets substitutifs dans Le musees**. 1985, Zagreb. Proceedings. Zagreb: ICOFOM, 1985. p. 103-113. (ICOFOM Study Series, n. 9).

STRÁNSKÝ Z. Z.. **Muséologie. Introduction aux études**, Brno, Université Masaryk. 1995

TSICHRITZIS, D.; GIBBS, S.. **Virtual museums and virtual realities**. ICHIM - Proceedings of the international conference on hypermedia and interactivity museums, pp. 17-25. 1991.

VON SIMSON, O. R. M.; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. (Orgs.). **Educação Não-Formal: Cenários de criação**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Centro de Memória, 2001.

Wiener N. **Cybernetics: Or Control and Communication in the Animal and the Machine**. Paris/Cambridge, Librairie Hermann & Cie/MIT Press. 1948.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista**. 2009. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

## APÊNDICES

### Apêndice A – Questionário para a Coordenadora

Questão	Pergunta
---------	----------

1	Como e quando surgiu o projeto da Exposição Virtual [Des]mundo? Qual a justificativa do projeto e os objetivos do mesmo?
2	Sobre o projeto, houve algum protocolo de abertura, no contexto administrativo, quanto à produção do projeto? Se houve algum protocolo, qual o nº do processo?
3	O que é uma exposição virtual? E como este conceito se manifesta e é aplicado no projeto da Exposição Virtual [Des]mundo? Justifique.
4	Houve a execução do processo museológico neste projeto, ou seja, aplicaram-se as ações de preservação, pesquisa e comunicação? Justifique.
5	Como se deram as ações de preservação (seleção, aquisição, gestão e conservação)? Quais os instrumentos foram utilizados para estas ações?
6	Como foram feitas as ações de pesquisa (catalogação/ estudo)?
7	Como e quando foram feitas as ações de comunicação (exposição, ações educativas culturais e a publicação)?
8	Em algum momento do projeto houve problemas relacionados ao site da Exposição Virtual [Des]mundo?
9	Ao final do projeto, houve alguma etapa de avaliação do projeto para saber se os objetivos estabelecidos pelo grupo foram atingidos? Se houve, quais foram os resultados deste projeto?
10	A exposição era para ser temporário ou permanente? Justifique.
11	Quantas pessoas acessaram a exposição?

Tabela 4. Questões para a Coordenadora do projeto.

## Apêndice B – Questionário para o grupo de Documentação e Acervo

Questão	Pergunta
1	Como você teve conhecimento deste projeto? Como você veio a participar do projeto?
2	O que você entende por “Exposição Virtual”?
3	Você acha que houve a execução do processo museológico (preservação, pesquisa e comunicação) neste projeto? Justifique.
4	Como foi feita a seleção e a aquisição dos “objetos” (vídeos, imagens e outros)?
5	Qual o instrumento fora utilizado para a Documentação ou sua Catalogação?
6	Durante o período de exposição houve algum problema referente ao acervo e à documentação, especialmente no que diz respeito ao site, links e outros? Se houve, explique como se deu o problema e como vocês conseguiram contornar o problema.
7	O projeto contou com a fase de avaliação do projeto? Se houve, você teve algum papel nele? Se você teve um papel explique como foi sua participação.



Tabela 5. Questões relativas ao trabalho do grupo de Documentação e Acervo.

### Apêndice C – Questionário para o grupo de Comunicação e Identidade Visual

Questão	Pergunta
1	De que maneira você teve conhecimento deste projeto? Como você veio a participar do projeto?
2	O que você entende por “Exposição Virtual”?
3	Você acha que houve a execução do processo museológico (preservação, pesquisa e comunicação) neste projeto? Se houve, justifique a presença destas três fases.
4	Quais foram as atividades de comunicação e identidade visual deste projeto? E como estas atividades foram elaboradas?
5	Sobre as atividades relacionadas a comunicação, houve instrumentos para avaliar a recepção e a participação dos usuários neste projeto? Se houve, quais foram estes instrumentos? E quais os resultados?
6	Durante o período de exposição houve algum problema referente às ações comunicação e identidade visual, especialmente no que diz respeito ao site, links e outros, que impediram ou afetaram o seu trabalho?
7	O projeto contou com a fase de avaliação do projeto? Se houve, você teve algum papel nele? Se você teve um papel explique como foi sua participação.

Tabela 6. Questões relativas ao trabalho do grupo de Comunicação e Identidade Visual.

### Apêndice D – Questionário para o grupo de Ações Educativas e Culturais

Questão	Pergunta
1	De que maneira você teve conhecimento deste projeto? Como você veio a participar do projeto?
2	O que você entende por “Exposição Virtual”?
3	Você acha que houve a execução do processo museológico (preservação, pesquisa e comunicação) neste projeto? Como?
4	Quais foram as atividades educativas culturais deste projeto? E como estas atividades foram elaboradas?
5	Sobre as atividades educativas culturais, houve instrumentos para avaliar a recepção e a participação dos usuários neste projeto?
6	Durante o período de exposição houve algum problema referente às ações educativas e culturais, especialmente no que diz respeito ao site, links e outros, que impediram ou afetaram o seu trabalho?

7	O projeto contou com a fase de avaliação do projeto? Se houve, você teve algum papel nele? Se você teve um papel explique como foi sua participação.
---	--

Tabela 7. Questões relativas ao trabalho do grupo de Ações Educativas e Culturais.

### Apêndice E – Respostas da Coordenadora

Questão	Pergunta	Resposta
1	De que maneira você teve conhecimento deste projeto? Como você veio a participar do projeto?	<p>A exposição digital “[Des]mundo:Percepções do Isolamento Social” foi desenvolvida em 2021, no contexto da pandemia de covid-19. Com a pandemia de Covid-19, o mundo viveu um momento crítico, não sendo diferente para os integrantes da equipe da exposição digital “[Des]mundo”, constituída por estudantes e docentes da Universidade de Brasília (UnB). A exposição foi uma das primeiras exposições digitais da UnB e a primeira exposição digital desenvolvida por docentes e estudantes do Curso de Museologia da UnB.</p> <p>Conforme o projeto, a exposição [Des]mundo foi desenvolvida no âmbito do “Projeto de extensão Museologia Virtual”, da Universidade de Brasília (UnB). No citado projeto, consta que a exposição digital foi organizada em :</p> <p style="padding-left: 40px;">“módulos que nos instigam a pensar sobre privilégios, vulnerabilidades e sobre a possibilidade de reinventar os dias. É um jogo de palavras sobre o que é e o que deixou de ser nossa referência de mundo, sobre [des]ligamentos e [des]construções do que conhecíamos enquanto condição humana.“ ( Projeto da exposição digital “[Des]mundo, 2021).</p> <p>Na época, a exposição surgiu em um endereço digital externo à universidade, <a href="https://museologiavirtual.org/desmundo/">https://museologiavirtual.org/desmundo/</a>, pago por docentes do Curso de Museologia da UnB. Posteriormente, com a transferência da coordenadora do projeto para outra instituição federal de ensino superior, a exposição, em 2023, foi transferida para o servidor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), recebendo o atual endereço (<a href="https://museologiavirtual.unirio.br/desmundo/">https://museologiavirtual.unirio.br/desmundo/</a>). A transferência do espaço digital foi realizada com o intuito de preservar a exposição, permitindo que as informações ficassem online. A proposta é desenvolver novas ações de mediação educativa, além de permitir que a exposição digital “[Des]mundo ” seja mais uma fonte interativa de reflexões sobre o tema</p>

		“isolamento social”.
2	Sobre o projeto, houve algum protocolo de abertura, no contexto administrativo, quanto à produção do projeto? Se houve algum protocolo, qual o nº do processo?	A exposição surgiu da vontade de docentes realizarem uma experiência digital com estudantes de graduação. O tema escolhido, por estarmos atravessando uma pandemia, foi o ‘isolamento social’ que vivíamos naquele momento. O projeto iniciou com a participação de estudantes e docentes voluntários. Com a abertura do edital anual do Decanato de extensão da UnB, o projeto foi estruturado enquanto uma ação de extensão, contando com 01 bolsista, além dos extensionistas voluntários.
3	O que é uma exposição virtual? E como este conceito se manifesta e é aplicado no projeto da Exposição Virtual [Des]mundo? Justifique.	<p>As exposições virtuais ou digitais são espaços interativos que propõem ou mobilizam experiências diversas. O entendimento de ‘virtual’ ou ‘digital’, por sua vez, depende do sentido dado por quem escreve ou pronuncia tais palavras. O sentido de ‘virtual’, segundo o autor Pierre Lévy, pode variar, podendo ser entendido, no âmbito do senso comum, como algo falso ou ilusório, relacionando o entendimento de virtual com algo falso ou ilusório. Por outro lado, ainda segundo o autor, para além do senso comum, o sentido filosófico do ‘virtual’ estaria relacionado à força, potência, algo não constituído, não estando no âmbito da materialidade ou imaterialidade, por não estar no âmbito das ‘coisas’. Para além de tais perspectivas, o virtual, enquanto algo que existiria no âmbito dos dispositivos computacionais de interação, pode apresentar entendimentos variados, muito associados às experiências mediadas por dispositivos digitais.</p> <p>É importante ressaltar que a Internet, ou grande Rede de Computadores, facilitou a compreensão do ‘virtual’, ao apresentar novas possibilidades de interação, ampliando o entendimento da relação espaço-tempo. Na Internet, com um clique, em segundos, conectamo-nos a conteúdos existentes em páginas digitais e servidores de outros países ou territórios distantes. Porém, considerando o seu sentido filosófico, o virtual não está restrito ao ambiente digital. Deste modo, os projetos de exposições virtuais ou de museus virtuais podem variar, podendo incluir propostas que atuarão exclusivamente em ambientes digitais, online, ou em outros espaços, sem limitações territoriais, podendo acontecer em uma praça, escola, museu, entre outros.</p> <p>Aqui, como eu não pretendo esgotar o que seria ‘virtual’ ou ‘digital’, recomendo, inicialmente, aos interessados, a leitura do livro “O que é virtual?”, do autor Pierre Lévy.</p>
		No âmbito da <b>pesquisa</b> , a equipe responsável

4	<p>Houve a execução do processo museológico neste projeto, ou seja, aplicaram-se as ações de preservação, pesquisa e comunicação? Justifique.</p>	<p>pela curadoria da exposição realizou estudos sobre o tema inicial, “isolamento social” no contexto da Pandemia de Covid-19, buscando referências em livros, entrevistas, matérias de jornais, documentos existentes em arquivos digitais ( uma vez que muitas pessoas estavam isoladas, por recomendação da Organização Mundial da Saúde, OMS). A partir das leituras, identificou-se que a questão, naquele momento, muito importante, seria o isolamento social. Contudo, questionou-se o fato de muitas pessoas viverem em isolamento social forçado, por diversos motivos, seja por questões financeiras, sociais ou , até mesmo, devido ao racismo e homofobia ou transfobia ainda existentes, infelizmente, em nossa sociedade. A partir de tais reflexões, foi definido o tema central, a pergunta mobilizadora da exposição, o conceito e o objetivo. O objetivo geral proposto foi: refletir sobre o impacto da pandemia mundial do coronavírus, o qual designou novas formas de percepções e de relações sociais, culturais e interpessoais. O que antes eram tarefas rotineiras feitas particularmente e no coletivo, com a recomendação mundial de isolamento, transformaram-se em nostalgia e o pulsar de uma dinâmica ainda bem virtual.” ( Projeto da exposição digital [Des]mundo, 2021).</p> <p>Por ser um projeto desenvolvido no âmbito de uma instituição pública de ensino, não contamos com muitos recursos financeiros e humanos. O projeto não contou com uma equipe fixa de Tecnologia da Informação (TI), equipe que poderia auxiliar nas escolhas técnicas de software, plataformas e dispositivos que pudessem ajudar na <b>preservação digital</b>, além de ajudar na programação do site da exposição digital. Contudo, algumas medidas foram tomadas, incluindo a realização de backups do site, ações de pesquisa e de comunicação. É igualmente importante dizer que a página digital foi desenvolvida por uma programadora, uma profissional da área da TI, que atuou nas etapas seguintes ao processo de definição do conceito da exposição, mas durante o momento de estudos de acessibilidade digital, realizada em parceria com a equipe da Diretoria de Acessibilidade da UnB. A programadora utilizou, para criar as páginas digitais, HTML e CSS, desenvolvendo uma página digital multiplataforma, podendo ser acessada por meio de computador, tablet e smartphone.</p> <p>No âmbito da <b>comunicação</b>, a criação da página também contou com a participação da equipe de acessibilidade da Universidade de Brasília e a identidade visual. A partir de tal experiência, a equipe compreendeu não somente ser fundamental criar espaços digitais</p>
---	---	--

		<p>acessíveis, mas também puderam trabalhar juntamente com pessoas com deficiências desde o início do processo de criação. Ainda no âmbito da comunicação, a produção dos textos curatoriais, a seleção dos relatos, obras de arte, foram desenvolvidos pelos integrantes da equipe, ou seja, discentes e docentes da UnB.</p>
5	<p>Como se deram as ações de preservação (seleção, aquisição, gestão e conservação)? Quais os instrumentos foram utilizados para estas ações?</p>	<p>Foi realizada uma pesquisa sobre o tema , isolamento social, o conceito da exposição foi definido pela equipe, depois várias reuniões. O projeto foi fechado. Na sequência, foram produzidos relatórios e pesquisas sobre o tema e obras de arte que tinham relação com a temática que seria abordada pela exposição. Muitas das obras foram identificadas em páginas do Instagram, em páginas pessoais dos artistas. Posteriormente, a equipe entrou em contato com os artistas para pedir autorizações para incluir as obras na exposição, além de informações sobre o conceito de cada obra. Foram também coletados depoimentos sobre o momento. As informações foram preenchidas em fichas.</p> <p>Uma vez criado o espaço virtual da exposição, foram realizados backups do site, além da guarda das obras de arte digitais em pastas digitais (drive/ nas nuvens), utilizando-se logins e senhas para o acesso. Evitou-se o uso de programas ou sistemas que pudessem ser descontinuados, como ocorreu com o programa “Flash Player”( não utilizado). Contudo, a não existência de especialista em TI durante todo o processo de concepção e desenvolvimento da exposição dificultou no momento de certas escolhas, restringindo as possibilidades de uso outras plataformas ou sistemas digitais (não utilizamos o <i>Wordpress</i>, por exemplo, como plataforma de desenvolvimento do site, dificultando nas atualizações futuras de algumas páginas do site, atualizações que dependiam de especialista na linguagem adotada na construção do site). Outro aspecto importante quando falamos em segurança, existia a preocupação com o uso de servidores digitais seguros, pois tínhamos receio de invasões hackers, o que poderiam derrubar o site da exposição, ficando a exposição fora do ar.</p>
		<p>A partir da definição do tema, da pergunta mobilizadora ou geradora, objetivo e conceito da exposição, com muito cuidado para não causar gatilhos nos visitantes da exposição, identificou-se na arte, nas memórias, relatos e nas orientações de especialistas da área da Psicologia, o caminho para refletir sobre o contexto delicado, naquele momento ainda vivido por todos nós, visitantes e equipe. Sobre</p>

6	Como foram feitas as ações de pesquisa (catalogação/ estudo)?	<p>as fichas de documentação, os campos eram (conforme consta no projeto): Artista (Nome); Biografia do artista (Resumo breve); Título; Data de criação da Obra; Técnica; Proposta da obra (Detalhada); Dimensão; E-mail; Telefone com DDD; TÍTULO; ARTISTA; TÉCNICA; DATA; PROPOSTA.</p> <p>Naquele momento, a prioridade foi dada para as informações mais relevantes, incluindo os dados dos artistas e da obra, pois a equipe era reduzida. Além disso, pensamos muito na saúde mental da equipe. Hoje, penso que seria importante elaborar a descrição das obras de modo que servisse tanto para a recuperação da informação quanto para a audiodescrição da imagem, pois devemos sempre considerar a acessibilidade digital das exposições ou de bases de dados de acervos.</p>
7	Como e quando foram feitas as ações de comunicação (exposição, ações educativas culturais e a publicação)?	<p>Ações de comunicação foram realizadas no âmbito da expografia digital/museografia digital, além de atividades de ação cultural digital, como palestras online, workshop sobre a exposição e outros temas inseridos na dinâmica de criação da mesma, como acessibilidade digital. Foram realizadas algumas ações de mediação educativa, por meio da Internet. Contudo, como ainda estávamos atravessando a pandemia, em meio aos momentos de melhora e piora da contaminação, entradas e saídas da quarentena, aguardando a vacinação, nem todas as ações planejadas foram realizadas.</p> <p>É importante ressaltar que a UnB teve que se reestruturar para o formato remoto de ensino, neste período, realizando doações de equipamentos para discentes, além de adaptar as atividades pedagógicas e administrativas para o meio digital, iniciando o uso de novas plataformas e sistemas para alguns ações importantes como aulas e dinâmicas administrativas para criação de processos e lançamento de notas e registro de projetos de ensino, pesquisa e extensão. O lançamento e realização da exposição digital “[Des]mundo” estava no meio de tal processo, estando discentes e docentes exaustos, retornando às aulas, naquele momento, remotas. Alguns estudantes conseguiram acompanhar as aulas e atividades. Outros tiveram muitas dificuldades, pois não conseguiram acompanhar tal dinâmica remota, por vários motivos. A falta de estrutura em suas casas, o não acesso à Internet, entre outros fatores, dificultaram e/ou impediram a manutenção de certas ações que seriam realizadas depois da inauguração da exposição. Contudo, a experiência proporcionada foi muito rica, pois apontou não somente para os pontos fortes, mas também para os erros e dificuldades atravessadas em uma experiência tão nova:</p>

		<p>desenvolver exposição digital.</p> <p>Não podemos desconsiderar o momento de problematização quando apresentamos uma proposta de exposição digital. Ao desenvolver uma exposição, devemos perguntar: o que pretendemos mobilizar, promover com tal atividade? Tal questão deve ser pensada, desde o início, para qualquer tipo de exposição. Dados sobre o acesso à Internet no Brasil e no mundo também devem ser considerados e analisados, antes mesmo de definir qual tipo de modalidade ou linguagem será adotada, seja para realizar ações expográficas, culturais ou educativas no âmbito da cultura.</p>
8	<p>Em algum momento do projeto houve problemas relacionados ao site da Exposição Virtual [Des]mundo?</p>	<p>Sim. Uma vez que não tínhamos especialistas em TI na equipe durante todo o processo de desenvolvimento do ambiente digital, algumas decisões demoraram para serem definidas. Como a exposição contou somente com bolsistas de extensão, o pagamento do técnico em TI foi feito por meio de 'vaquinhas', doações feitas por docentes.</p>
9	<p>Ao final do projeto, houve alguma etapa de avaliação do projeto para saber se os objetivos estabelecidos pelo grupo foram atingidos? Se houve, quais foram os resultados deste projeto?</p>	<p>Sim. A equipe realizou reuniões de estudo, <i>workshoring</i>, convidou palestrantes, realizou rodas de conversa com artistas e com os especialistas em acessibilidade digital, além de debates e produção do relatório final.</p>
10	<p>A exposição era para ser temporário ou permanente? Justifique</p>	<p>A exposição digital foi criada para ser temporária. Contudo, como o resultado ultrapassou o esperado, pensamos em ampliar o período de exibição. Ainda não sabemos se ela será de longa duração no momento. Ainda estamos pensando em possíveis desdobramentos e novas possibilidades de mobilização. No momento, pensamos em ações educativas em escolas, ações geolocalizadas, em escolas localizadas na cidade do Rio de Janeiro, ou via Internet.</p>
11	<p>Quantas pessoas acessaram a exposição</p>	<p>A exposição digital foi criada para ser temporária. Contudo, como o resultado ultrapassou o esperado, pensamos em ampliar o período de exibição. Ainda não sabemos se ela será de longa duração no momento. Ainda estamos pensando em possíveis desdobramentos e novas possibilidades de mobilização. No momento, pensamos em ações educativas em escolas, ações geolocalizadas, em escolas localizadas na cidade do Rio de</p>

		Janeiro, ou via Internet.
--	--	---------------------------

## Apêndice F – Respostas do grupo das Ações Educativas e Culturais

Questões	Perguntas	Respostas
1	De que maneira você teve conhecimento deste projeto? Como você veio participar do projeto?	Convite da professora Monique Magaldi a 2 servidoras do Ibram (área de educação) para opinar sobre a proposta de atividades educativas idealizadas pela equipe para a exposição.
2	O que você entende por “Exposição Virtual”?	Exposições que ocorrem no formato virtual, ou seja, que dependem de tecnologias da informação e comunicação para serem acessadas.
3	Você acha que houve a execução do processo museológico (preservação, pesquisa e comunicação) neste projeto? Justifique.	Sim.
4	Quais foram as ações educativas e culturais neste projeto? E como estas atividades foram elaboradas?	Não me lembro em detalhes, mas lembro de atividades virtuais muito interessantes, envolvendo rodas de conversas com professores e também palestras/mesas redondas com convidados para abordar temas específicos que dialogavam com a exposição.
5	Sobre as atividades educativas e culturais, houve instrumentos para avaliar a recepção e a participação dos usuários neste projeto?	Creio que o próprio número de acessos, comentários no chat e envolvimento dos participantes tenham possibilitado boas avaliações do processo.
6	Durante o período de exposição houve algum problema referente às ações educativas e culturais, especialmente no que diz respeito ao site, links e outros, que impediram ou	Não



	afetaram o seu trabalho?	
7	O projeto contou com a fase de avaliação do projeto? Se houver, você teve algum papel nele? Se você teve um papel explique como foi a sua participação.	Sim. Como servidora do Ibram à época, pudemos compartilhar com os alunos esse olhar externo à exposição e as atividades desenvolvidas.

### Apêndice G – Respostas do grupo de Documentação e Acervo

Questões	Perguntas	Respostas
1	De que maneira você teve conhecimento deste projeto? Como você veio participar do projeto?	Tive conhecimento do projeto a partir de uma postagem nas redes sociais da FCI, se não me engano, onde demonstrei interesse e fui selecionada para compor a equipe.
2	O que você entende por “Exposição Virtual”?	Uma exposição que é, por sua flexibilidade espacial, capaz de alcançar vários mundos. Uma experiência que tem facilidade de ser convergente, por agregar várias linguagens em uma única plataforma e que também, por isso, tem um potencial imenso de abrangência de público.
3	Você acha que houve a execução do processo museológico (preservação, pesquisa e comunicação) neste projeto? Justifique.	Sim, acredito que não se faz nenhuma experiência museológica sem a pesquisa, primeiramente. É ela quem determina a viabilidade de um projeto. A preservação em si seria num sentido mais amplo, de cuidado, de atenção, principalmente no trato com artistas participantes, porque a temática escolhida foi bastante difícil, visto que estávamos todos (produção, artistas e público) vivenciando a pandemia e o isolamento social. A comunicação foi essencial nesse processo... tínhamos a

		plataforma para as <i>lives</i> , linguagem audiovisual, de redes sociais... enfim, foi tudo mundo interativo a medida que foi possível fazê-la.
4	Como foi feita a seleção e aquisição dos “objetos” (vídeos, imagens e outros)?	Pedimos autorização de uso para alguns artistas de obras que estavam disponíveis online, outros que toparam fazer parte do projeto (e participaram também das <i>lives</i> ) e produzimos outros materiais de nossas próprias casas, inclusive a parte inclusiva, de audiodescrição, onde foi feito um treinamento junto à equipe de Letras da UnB.
5	Qual o instrumento fora utilizado para a Documentação e Catalogação?	Lembro apenas do site mesmto
6	Durante o período de exposição houve algum problema referente ao acervo e à documentação, especialmente no que diz respeito ao site, links e outros? Se houve, explique como se deu o problema e como vocês conseguiram contornar o problema?	Não recordo deste tópico
7	O projeto contou com a fase de avaliação do projeto? Se houver, você teve algum papel nele? Se você teve um papel explique como foi a sua participação.	Eu acredito que o <i>feedback</i> foi sendo dado ao longo do percurso, durante as <i>lives</i> , enquanto as etapas iam sendo concluídas. Foi muito trabalho e tudo com um sentimento muito de “uma vez”, onde que tivemos que operacionalizar toda uma exposição, mobilizar, tudo sem encontrar ninguém da equipe pessoalmente. Não recordo muito de uma avaliação mais contundente ao final de todas as etapas/ ciclos... lembro que éramos vários e que foi um trabalho realmente coletivo. E que, diante das dificuldades

		pandêmicas da vida de cada um e cada uma, fomos até onde pudemos ir.
--	--	--

## Apêndice H – Termo de Autorização 1

TERMO DE  
AUTORIZAÇÃO  
DE USO DE  
INFORMAÇÃO E  
OPINIÃO

**TCC**  
**EXPOSIÇÃO VIRTUAL [DES]MUNDO DA UNIVERSIDADE DE**  
**BRASÍLIA**

Descrição e análise dos processos museológicos (2023)

Eu, **Raquel Monteath dos Santos**, autorizo o uso de minhas informações e opiniões a serem utilizadas em banners, folders, publicações, cartazes e internet por período indeterminado, para fins didáticos da universidade e seus parceiros, ou seja, desde que sejam aplicados em materiais culturais informativos e/ou de utilidade pública e que estejam direta ou indiretamente relacionadas ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do aluno Joshua Ferreira da Silva, do curso de Museologia da Universidade de Brasília (UnB), ou qualquer outra utilização de cunho artístico-cultural.

Autorizo, então, nestes termos, sob a observância da Lei 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais - LGPD), o uso e divulgação de minhas informações e opiniões com meu pleno consentimento, sendo a revogação deste, se for necessária, explicitada e autorizada mediante solicitação.

Por essa ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo os usos acima descritos sem que haja nada a reclamar a título de direitos referentes à minha imagem, e assino a presente autorização.

Nome: Raquel Monteath dos Santos  
RG: 7641360 CPF: 075.103.434-70  
Telefone 1: (61) 981143608  
E-mail: raquelmonteath@gmail.com Estado: Pernambuco



---

Assinatura

BRASÍLIA, 2023

## **Apêndice I – Termo de Autorização 2**

**TERMO DE  
AUTORIZAÇÃO  
DE USO DE  
INFORMAÇÃO E  
OPINIÃO**

**TCC  
EXPOSIÇÃO VIRTUAL “[DES]MUNDO DA UNIVERSIDADE DE  
BRASÍLIA: Descrição e análise dos processos museológicos”  
(2024)**

Eu Monque B. Magaldi, autorizo o uso de minhas informações e opiniões a serem utilizadas em banners, folders, publicações, cartazes e internet por período indeterminado, para fins didáticos da universidade e seus parceiros, ou seja, desde que sejam aplicados em materiais culturais informativos e/ou de utilidade pública e que estejam direta ou indiretamente relacionadas ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do aluno Joshua Ferreira da Silva, do curso de Museologia da Universidade de Brasília (UnB), ou qualquer outra utilização de cunho artístico-cultural.

Autorizo, então, nestes termos, sob a observância da Lei 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais - LGPD), o uso e divulgação de minhas informações e opiniões com meu pleno consentimento, sendo a revogação deste, se for necessária, explicitada e autorizada mediante solicitação.

Por essa ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo os usos acima descritos sem que haja nada a reclamar a título de direitos referentes à minha imagem, e assino a presente autorização.

Documento assinado digitalmente  
**MONIQUE BATISTA MAGALDI**  
Data: 09/02/2024 05:13:20-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Assinatura  
RIO DE JANEIRO, 2024

## Apêndice J – Termo de Autorização 3

**TERMO DE  
AUTORIZAÇÃO  
DE USO DE  
INFORMAÇÃO E  
OPINIÃO**

**TCC  
EXPOSIÇÃO VIRTUAL [DES]MUNDO DA UNIVERSIDADE DE  
BRASÍLIA**

Descrição e análise dos processos museológicos (2023)

Eu Renata Silva Almendra autorizo o uso de minhas informações e opiniões a serem utilizadas em banners, folders, publicações, cartazes e internet por período indeterminado, para fins didáticos da universidade e seus parceiros, ou seja, desde que sejam aplicados em materiais culturais informativos e/ou de utilidade pública e que estejam direta ou indiretamente relacionadas ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do aluno Joshua Ferreira da Silva, do curso de Museologia da Universidade de Brasília (UnB), ou qualquer outra utilização de cunho artístico-cultural.

Autorizo, então, nestes termos, sob a observância da Lei 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais - LGPD), o uso e divulgação de minhas informações e opiniões com meu pleno consentimento, sendo a revogação deste, se for necessária, explicitada e autorizada mediante solicitação.

Por essa ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo os usos acima descritos sem que haja nada a reclamar a título de direitos referentes à minha imagem, e assino a presente autorização.

Nome: Renata Silva Almendra \_\_\_\_\_  
RG: 17113907 \_\_\_\_\_ CPF: 68961472100 \_\_\_\_\_  
Telefone 1: ( 61 ) 99235-6126 \_\_\_\_\_  
Telefone 2: ( ) \_\_\_\_\_  
E-mail: renata.almendra@unb.br \_\_\_\_\_ Estado: DF

 Documento assinado digitalmente  
RENATA SILVA ALMENDRA  
Data: 09/11/2023 14:53:39 -0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Assinatura

BRASÍLIA, 2023